



dossiê

A L O K A !

comentando histórias sobre
a patologização das vidas
LGBTQIA+

Gab Almeida M. Lamounier

#VOTE
#LGBT

dd coleção
dadoo
oossies
~;:/Cf



EDI
TORA
MONS
TRA
CASA 

O PROJETO "DOSSIÊS"

Uma iniciativa da Casa 1, Editora Monstra e #VoteLGBT

Um dos desafios da Casa 1 é falar sobre nossa atuação preservando as histórias e as identidades das pessoas atendidas no projeto, que frequentam o espaço, passam, trabalham ou aqui dialogam. A vivência do cotidiano do projeto suscita debates tão importantes, com potencial de transformação do debate público sobre a população LGBTQIA+ e suas interseccionalidades, que a equipe sempre se questiona: como falar sobre o que fazemos, sem expor as pessoas com quem trabalhamos? Como falar sobre saúde, sobre patologização, sobre casa, sobre respeito ao nome, sobre violência, etc. neste sentido?

O projeto "Dossiês", em parceria com o #VoteLGBT, é uma das apostas desse processo de dialogar sobre as nossas práticas. Ao trazer grandes temáticas sobre as vidas de pessoas LGBTQIA+ em textos produzidos por pessoas LGBTQIA+, acreditamos trazer imagens, narrativas e conceitos que contribuem na disputa dos lugares de produção de sentido tradicionais.

Cada dossiê temático nasceu de uma provocação geral e cada autor ou autora assumiu um formato e um roteiro para abordar o tema de maneira livre, com tempo e espaço para trabalhar seus pontos de vista. A ideia é que a pluralidade de discursos se mantenha no íntimo desta coleção. Você pode notar que cada dossiê traça seu caminho, com escolhas linguísticas, políticas e de estilo próprias. Sobre isso, nosso trabalho enquanto editora é o de garantir essa liberdade de produção, mantendo a preocupação de que os textos possam ser compreendidos e compartilhados para o maior número de pessoas, ampliando o debate sobre os temas.

Sobre "Aloka!"

Este primeiro dossiê foi pensado a partir do trabalho exercido na área de Saúde Mental da Casa 1. Enquanto o campo da saúde mental de maneira geral é bastante marcado pelas conquistas da Luta Antimanicomial e da Reforma Psiquiátrica - ainda que estas precisem ser constantemente defendidas e reiteradas -, quando olhamos para discussão da intersecção entre essa área e as vivências LGBTQIA+, o cenário é de um apagamento das discussões críticas com relação às intervenções psiquiátricas e psicológicas, à tutela e à dependência da clínica. Essa discussão está sempre presente nos debates sobre o trabalho da Casa 1. Como criar modos de atuação que sejam pautados pela autonomia e pelo acolhimento a vivências plurais?

O fazer da área de Saúde dentro da Casa 1 passa por repensar e refazer constantemente o caminho da atuação clínica e social, buscando afastar as nossas práticas de possíveis violências. E parte do caminho para entender como se constitui o olhar da área da saúde sobre as subjetividades e sobre os corpos LGBTQIA+ é entender como historicamente se lidou com essas diferenças. A manicomialização é um desses processos que precisa ser revisitado para, a partir de sua crítica, construir modos menos violentos de pensar Saúde Mental para a população LGBTQIA+.

A lógica manicomial é essencialmente racista, classista, machista e LGBTQIA+fóbica. Faz parte, portanto, do compromisso de combate a esses problemas estruturais a necessidade de se posicionar a respeito da Reforma Psiquiátrica. A compreensão para a crítica da lógica higienista e de controle dos corpos diferentes, localizando a lógica manicomial não apenas dentro das estruturas dos manicômios, mas como um modo de pensar as diferenças, é o eixo de análise deste dossiê.

Sabemos que as diferenças, em nossa sociedade, tendem a ser aniquiladas, criminalizadas ou patologizadas. Como esse processo de patologização (e sua contra-face da criminalização) produz subjetividades? Considerando esses processos dentro de seus contextos sócio-históricos, como se dá no território brasileiro essa formação?

#VOTELGBT

O #VoteLGBT existe desde 2014 e busca aumentar a representatividade das pessoas LGBTQ+ em todos os espaços da sociedade, principalmente na política. Entendendo a representatividade de forma interseccional às pautas de gênero e de raça, compreende a diversidade como um valor fundamental para a democracia. Na ausência de dados sobre nossa população, fazemos pesquisas presenciais e online numa proposta de geração cidadã de dados. O #VoteLGBT tem sido uma organização parceira da Casa 1 desde sua fundação e colabora nesta coleção porque acredita na democratização das discussões que atravessam nossas vivências para além das pessoas iniciadas no ativismo e/ou com formação acadêmica.

Para mais informações, acesse votelgbt.org

EDITORA MONSTRA E A CASA 1

"Reivindico meu direito de ser um monstro."

Susy Shock

A Editora Mostra é uma iniciativa editorial da Casa 1 que tem como propósito documentar e fazer circular pensamento produzido por pessoas LGBTQIA+.

Fundada em 2017, A Casa 1 é um espaço de acolhida para jovens LGBTQIA+ de 18 a 25 anos que foram expulsos de casa por suas orientações afetivo-sexuais e/ou identidades de gênero. É também uma Clínica Social e um Centro Cultural aberto e gratuito para todo mundo.

Para mais informações, acesse casaum.org



em memória da minha amada vovó Déa, da nossa matri-
arca travesti Anyky Lima, e da querida companheira
de ativismos Rhany Mercês.

descansem em festa!

dedico este trabalho à Lê

que me ensina tanto sobre o tempo das coisas.

Gab Almeida M. Lamounier

SUMÁRIO

0. <u>A lenda da bixa esquisita</u>	8
(entre 0 e 1). <u>um combinado, um convite e uma observação</u>	16
1. <u>Amaro: entre a natureza e a ciência</u>	19
2. <u>Febrônio: entre a justiça e a psiquiatria</u>	35
3. <u>Eudemônia: entre censuras e terapêuticas</u>	48
4. <u>JoMaKa: entre as instituições e a vida em comunidade</u>	75

O . A LENDA DA BIXA ESQUISITA

ei! não sei você, mas eu gosto de colocar um som potente pra ajudar a dar um primeiro passo numa tarefa. o álbum Pajubá (2017), da Linn da Quebrada, me ajudou demais a escrever da última vez, então pensei em tentar de novo. e deu certo. assiste ao vídeo, mas segue a letra:

Vou te contar a lenda da bixa esquisita
Não sei se você acredita ela não é feia
(nem bonita)
Mas eu vou te contar a lenda da bixa es-
quisita
Não sei se você acredita ela não é feia
(nem bonita)
Ela sempre desejou ter uma vida tão pro-
missora
Desobedeceu seu pai, sua mãe, o estado, a
professora
Ela jogou tudo pro alto
Deu a cara pra bater
Pois pra ser livre e feliz tem que ralar o
cu, se fuder
De boba ela só tem a cara e o jeito de an-
dar
Mas sabe que pra ter sucesso não basta
apenas estudar
Estudar, estudar, estudar sem parar
Tão esperta essa bixona, não basta apenas
estudar
Fraca de fisionomia, muito mais que abusada
Essa bixa é molotov, o bonde das rejeitada
Eu tô bonita? ('Tá engraçada)
Eu não tô bonita? ('Tá engraçada)
Me arrumei tanto pra ser aplaudida mas até
agora só deram risada
Abandonada pelo pai, por sua tia foi cria-
da
Enquanto a mãe era empregada, alagoana ar-
retada

Faz das tripas o coração, lava roupa, louça e o chão
Passa o dia cozinhando pra dondoca e patrão
Eu fui expulsa da igreja (ela foi desassociada)
Porque uma podre maçã deixa as outras contaminada
Eu tinha tudo pra der certo e dei até o cu fazer
bico
Hoje, meu corpo, minhas regras
Meus roteiros, minhas pregas
Sou eu mesmo quem fabrico
Eu tô bonita? ('Tá engraçada)
Eu não tô bonita? ('Tá engraçada)
Me arrumei tanto pra ser aplaudida mas até agora...
Confessa vai, eu sei que eu tô linda
Só você não admite
Vou sair num monte de revista aí ('Tá belíssima
mona)
O Brasil me ama
Eu tô bonita? ('tá engraçada)
Muito mais que bonita, admite
(Se olha no espelho 'tá linda) Tô maravilhosa
A gente sabe que é a mais bela

começo esse texto pedindo licença:

às que vieram antes de mim.

às que vivem comigo, e às que estão por vir. eu amo nós!

estou em 2021, há um ano desde o começo da epidemia de coronavírus, cinquenta e sete anos desde o golpe civil militar aqui onde ainda chamam brasil e pouco mais de cem anos desde a mudança de império para república, pautada por interesses estatais de hegemonia da branquitude e da cisheterossexualidade, implementada a partir de estratégias de controle higienistas.

um tanto de história mal contada.

já passei por 28 voltas ao redor do Sol. sou do signo de virgem e gosto muito de tortas, de sobremesas e sorvetes. aprendi isso com minhas avós. no momento, tenho corporificado um gênero que chamei de anfibixa, porque sempre fui meio sapa e com o retorno de saturno bateu uma vibe meio bixa. minha pele é branca e bronzeada por sair pra caminhar de manhã cedo. gosto de usar os cabelos bem curtos, acho que assim sinto mais do vento e da água.

vivo no bairro liberdade, em outro tipo de *república*. somos uma pequena comunidade de bichos, bichas e sapatões. com-

partilhamos as responsabilidades pela manutenção da casa e dos afetos. nas práticas de cuidado cotidiano, cozinhamos, conversamos sobre as notícias do mundo, contamos histórias, jogamos cartas... é uma alegria poder viver assim, em coletivo, materializando outros modos de viver-em-família, menos hierarquizados, mais comprometidos com o respeito e valorização das diferenças.

há algumas semanas, a Mari Penteado da Casa 1 me chamou pra escrever sobre a manicomialização da população LGBTQIA+, e contar um pouco dessa história e suas implicações simbólicas para nossas vidas. esse tema me atravessou por vários lados: fiz uma graduação em Psicologia e desde então trabalho com escuta, pesquisa e escrita. entendi que gosto de ficar sabendo sobre nós, nossas histórias, fofocas, pirações, resistências. no percurso acadêmico, tenho me interessado em acompanhar como a Ciência tenta falar da gente, analisando especialmente o cruzamento entre os campos da saúde mental, do gênero e das Normas. durante alguns anos, me dediquei a estudar mais profundamente os processos de criminalização e patologização do gênero. para isso, busquei me aproximar de pessoas que estavam em privação de liberdade, oferecer uma escuta e aprender com elas sobre as materialidades do corpo encarcerado, a censura e perseguição de modos de vida. foi com as bixas e travestis, especialmente com Anyky Lima, Liliane Anderson e Marco Prado que construí minha base ética, política e metodológica de fazer pesquisa. além disso, trabalhei no Transpasse, um projeto de extensão universitário que oferece acolhimento psicossocial e orientação jurídica para travestis e pessoas trans que enfrentam questões com a justiça. lá, a gente recebia o pessoal com um lanche e oferecia um espaço para acolhimento, bate papo, socialização. durante esse caminho, também pavimentando meus passos, me aprofundei nas perspectivas abolicionistas penais, anarquistas e transfeministas. hoje, minha principal atuação é na clínica, atendendo majoritariamente pessoas trans, bixas, saps e bissexuais. com o convite da Casa 1, senti os campos da saúde mental e da lógica prisional-manicomial mais uma vez se encruzilhando como uma oportunidade de elaboração pra mim.

comecei essa pesquisa conversando com minhas amigas que também atuam nas áreas da psicologia, clínica e ciências so-

ciais¹. levantamos grandes temas que poderiam guiar a busca por referências bibliográficas: história da loucura, história da sexualidade, reforma psiquiátrica, comunidades terapêuticas, cura gay, despatologização trans, censura e perseguição na ditadura militar... depois de ficar alguns dias salvando artigos, dissertações, teses e livros, percebi que minha trajetória acadêmica estava falando muito alto, e eu queria fazer algo diferente disso. então, tentar pensar outros caminhos e recursos para a escrita desse dossiê.

nas aulas de teatro com a turma da Escola Livre de Artes (salve!) tenho aprendido sobre a importância de a gente ouvir a ancestralidade, olhar pra trás com outros olhos, visitar o que os discursos hegemônicos nos dizem pra camuflar o que sempre esteve acontecendo, disputar, contar as histórias de outro jeito, ficcionar nossas biografias, escrever. assim, para compor este dossiê, fiz o exercício de tentar ouvir, em meio às produções acadêmicas, médicas, criminológicas, psiquiátricas, as nossas vozes. quis resgatar a lenda das bixas esquisitas. movimentar os discursos. desestabilizar o lugar de objeto para ocupar o de sujeito.

conversando com o Michel Foucault de Vigiar e Punir, achei uma boa ideia começar a encadear essas histórias *mal* contadas nos meados do século XIX. a bixa nos conta que nesse momento, na Europa e territórios colonizados, o discurso científico conquista cada vez mais o espaço público e privado, estabelecendo guias e métricas para a normalidade.

a lógica é a de catalogação das condutas desviantes, um verdadeiro álbum de figurinhas esquisitas. a partir de uma exaustiva descrição das intimidades, fisionomias e comportamentos, modos de vida desobedientes vão sendo criminalizados e patologizados. é o mesmo momento da criação e expansão das prisões e dos manicômios, com justificativas "científicas". essa época é crucial para compreender a produção de categorias e identidades sexuais, tanto no Brasil, quanto na Europa.

no levantamento da bibliografia, localizei muitos textos e relatos médicos, psiquiátricos, criminológicos e antropológi-

1 Pelas trocas acadêmicas e produção conjunta do conhecimento, agradeço muito Mariana Vasconcelos, Sereno Repolês, Mariana Moreira, Rafa Vasconcelos, JoMaKa, equipe do NUH, miguês do coletivo GUAPES e do Grupo de Estudos Saúde Mental Rebelde.

cos que falavam sobre as nossas vidas, de bixas, homossexuais, travestis, lésbicas, uranistas, bissexuais, pederastas, invertidos, transexuais, intersexuais - a depender de quem e quando fala, e da matização entre masculinidade e feminilidade. esse tanto de nome, não podemos nos deixar enganar, não ilustra apenas uma bela diversidade, mas justamente tenta capturá-la. pensando junto com Judith Butler, as normas não só reprimem, mas principalmente *produzem* sujeitos. ou seja, ao descrever as práticas, prescrevem identidades, caixinhas, modos de vida. desse modo, a patologização, por um lado, marca algumas práticas sexuais como desviantes e alguns gêneros como patológicos, e do outro lado da moeda, também cria possibilidades de reconhecimento, visibilidade. e, por que não, identidade política.

eu acredito, e as várias fontes históricas também contam, que sempre existimos por aí. minha vontade era a de poder conversar com as bixas, sapas, trans e travestis dos tempos passados pra ouvir as narrativas desde suas vozes próprias, mas ainda não consegui acesso à máquina do tempo. é importante demais compreender que as maneiras como falamos de nós, de nossos casos, relações, corpos, identidades, são infinitas, contextuais. e, desde nosso lugar de Sujeitos, legítimas. tenho percebido que a principal estratégia da colonialidade é a uniformização, criação de uma história única, apagamento das diferenças. é urgente que a gente faça um giro epistemológico e desbanque o binarismo, o essencialismo, a noção de Verdade.

na tentativa de recontar as histórias da patologização desde outros lugares de fala, vou dialogar com a arte e outros saberes para resgatar elementos narrativos que me permitam analisar a relação entre a ciência, as práticas de saúde mental, a censura e a diversidade.

vou começar contando a história de Amaro, escrita por Adolfo Caminha, em 1895. escolhi esse livro por vários motivos. o primeiro foi bem pessoal: o li pela primeira vez ainda jovem, no colégio. não lembro tanto do impacto que a obra teve em mim naquela época, mas sei que, relendo agora, mais de dez anos depois, pude acessar muitas camadas afetivas e reinterpretar a história do Brasil a partir desse romance. o retrato dos momentos íntimos e eróticos entre as personagens é feito de uma maneira muito interessante, isso me fisgou também. para escrever sobre o livro, dialoguei com vários trabalhos interessantes nas áreas da história, da literatura, das ciências

sociais, dá uma olhada nas referências no final de cada capítulo pra ter uma ideia de por onde passou o papo!

a partir de trechos do livro "Bom-Crioulo" pretendo comentar como o discurso científico, naturalista, se infiltra nos vários ambientes, públicos e privados, buscando classificar os comportamentos. nessa época, da virada do século XIX para o XX, são criados os **manicômios científicos** para substituir os asilos e dar conta dessa nova ordem. no discurso hegemônico, as práticas homoeróticas aos poucos se distanciam do campo criminal para também se tornarem tema da investigação da medicina, que está muito interessada na teoria da degeneração. essa visão localiza na carne, no corpo, na interação com o ambiente, mas principalmente na ancestralidade e hereditariedade, as causas do adoecimento. esse discurso científico se articula com o discurso da elite, que precisa delimitar uma diferença, criar setores na sociedade, reorganizar as dinâmicas num momento "pós"- "abolição", de começo da república. ainda que a Ciência se coloque no lugar de neutralidade, fica evidente o viés moralista, racista e machista a partir do qual ela postula as terapêuticas e pedagogias.

em seguida, apresento o caso de Febrônio, amplamente divulgado na imprensa no final da década de 1920. a história desse profeta causou um grande impacto no imaginário social brasileiro do começo do século, virando adjetivo, bicho papão e até marchinha de carnaval. Febrônio publicou um livro sobre sua vida e revelações, mas os exemplares foram destruídos. sua história foi contada em peças de teatro, programas de televisão, filmes e folhetins e deixou um legado importante, pois consolidou a possibilidade de interferência na medicina, em especial da psiquiatria, no campo jurídico. mesmo sem ter sido condenado, Febrônio passou quase 60 anos em privação de liberdade, submetido a terapias de eletrochoque e outras torturas. quando morreu, idoso, ainda estava preso. a partir da década de 1920, a psiquiatria se firma como instrumento de controle social, na medida em que colabora com o Estado e os saberes jurídicos. é criada a instituição do **manicômio judiciário**, lugar destinado aos loucos-criminosos, sendo a pederastia a encarnação desse entre-lugar. o fascismo e a eugenia estão muito presentes nas formulações da época e sustentam as diversas práticas de violações em nome da ordem e do progresso.

com o Estado Novo e a Ditadura Civil-Militar, o racismo e as perseguições e censura às diversidades de gênero e sexu-

alidade se tornam ainda mais legitimadas. pra ilustrar esse tempo, apresento a história de Eudemônia, personagem de Cassandra Rios. a escolha de falar desse livro também veio muito orgânica pra mim. no ano passado, entre 2019 e 2020, participei de um grupo de pesquisa sobre lesbianidades² e, para lidar com o começo da pandemia, aquele momento de tanta incerteza e medo, decidimos ajustar os rumos das leituras acadêmicas e nos aproximar da literatura e da arte. lemos dois livros da Cassandra Rios: *Eu sou uma lésbica* (1979) e também *Eudemônia* (1959).

eu não conhecia muito sobre a história e o legado de Cassandra e fui agradavelmente surpreendido com a forte influência da psicanálise na sua escrita! nesse primeiro, *Eu sou uma lésbica*, Cassandra desvela a perversão da sexualidade infantil, que ainda habita todes nós. começamos a investigar sobre sua trajetória como escritora e a maneira que as questões de gênero e sexualidade tratadas por ela em suas obras eram recebidas pelo público.

em *Eudemônia*, Cassandra conta a história de uma mulher que foi internada num hospital psiquiátrico logo após ter atirado na sua namorada. assim como na história de *Febrônio*, os advogados de defesa usam a homossexualidade, alegando loucura e, portanto, inimputabilidade. de maneira brilhante, a personagem passeia pelos discursos científicos, ao mesmo tempo seduzindo e subvertendo a lógica médica.

além do retrato explícito da lógica manicomial no romance, podemos, a partir da análise da repercussão das obras e da vida de Cassandra Rios no Brasil, comentar sobre os rumos da política no país. a moralidade cristã, antes camuflada pelo discurso científico, retoma a cena pública e assume o poder junto com os militares.

o campo das ciências psi, ainda infeccionado pela heterossexualidade compulsória, continua desenvolvendo **tratamentos para correção dos desviados**: eletrochoques, hormonização, dessensibilização, torturas... profissionais conservadores da psicologia contribuía para a consolidação de uma visão moralizante

2 Mando um salve para as companheiras lésbicas e pelo tempo de estudo que partilhamos no Grupo de Estudos sobre Lesbianidades (GEL): Joana Ziller, Dayane Barretos, Leiner Hoki, Lídia de Paula, Isadora Fachardo, Marina Morena e Flora Carvalho.

das homossexualidades, fazendo falas em eventos públicos e investindo em terapêuticas de prevenção e cura. é vergonhosa a influência de algumas lideranças cristãs na regulamentação dessas práticas de conversão que, mesmo sendo reconhecida-mente ineficazes, antiéticas e proibidas, ainda são defendidas por grupos de psicólogos.

os paradoxos estão colocados: os anos da ditadura civil-militar foram marcados por perseguições aos subversivos, mas, também, pelo florescimento de espaços de socialização, saunas, festas para bixas, sapas e travestis. a resistência das pessoas negras, indígenas, sem-terra, mulheres e LGBTQIA+ começa a impactar nas políticas e nas práticas em saúde.

por isso, para fechar o texto, proponho um diálogo com meu amigo e ativista JoMaKa e apresentamos parte das histórias mais recentes do enfrentamento a todo esse processo de patologização e criminalização das diversidades de gênero e sexualidade.

no Brasil, desde 1970, os movimentos sociais disputam narrativas com a hegemonia. falamos um pouco sobre a reforma psiquiátrica e o movimento antimanicomial, que contou com os próprios profissionais da saúde mental na linha de frente. comentamos também sobre as construções feitas por pessoas LGBTQIA+ que, a partir do próprio corpo, enfrentamos os discursos patologizantes e seguimos concebendo diferentes modos de vida.

acredito que é preciso resgatar as estratégias já desenvolvidas e aprender com o que nossa comunidade tem inventado há tantos séculos para sobreviver. assim, te convido às **confabulações de novos mundos e práticas de acolhimento** que ampliam nossas concepções de cuidado. aproveito para indicar pistas para o desenvolvimento de práticas em saúde mental menos normativas e violentas.

durante séculos, tentaram apagar nossas vidas, deslegitimar nossos corpos e profanar nossos afetos.

continuamos aqui!

(ENTRE O E 1) . UM COM- BINADO, UM CONVITE E UMA OBSERVAÇÃO

pra comentar essas narrativas, precisarei misturar palavras do meu tempo com termos de outras épocas e contextos. é importante que isso fique colocado desde já: não existe um *a priori* que defina irremediavelmente o que é ser "homem", "mulher", "negro", "branco", "gay", "homossexual", "invertido", "pederasta", "transexual"... não me leia achando que sabe exatamente de quem estou falando. essa desestabilização é fundamental, porque os significados desses nomes são sempre relacionais.

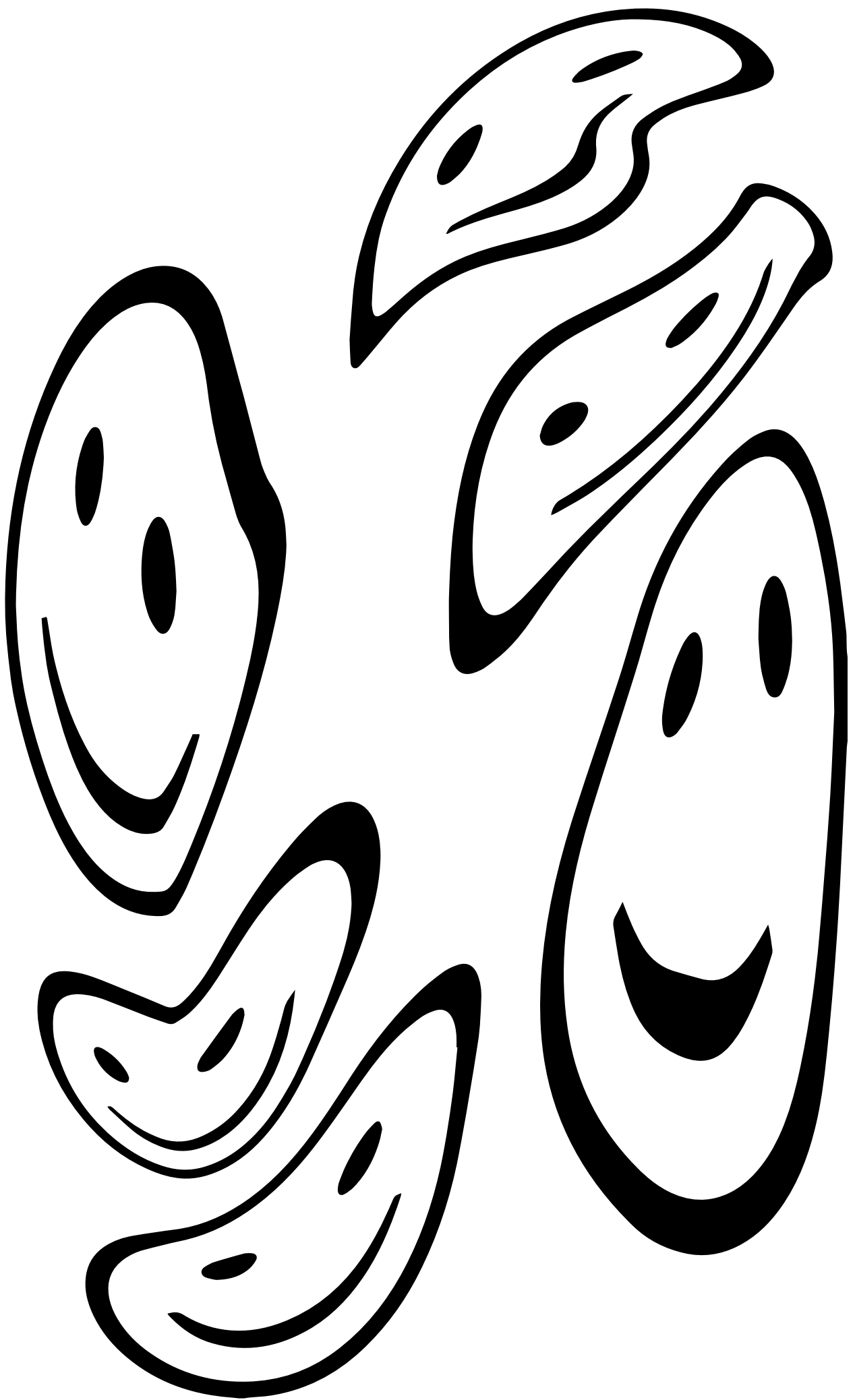
todas as identidades são ficcionais.

durante a maior parte da nossa história, esses nomes específicos nem existiam, somente as práticas. quase todos esses significantes foram estabelecidos por médicos, psicólogos e juristas. são patologias e tipos penais. se nos apropriamos deles pra chamar de nossos, é porque estrategicamente isso se fez necessário pra sermos reconhecidos como sujeitos. mas não precisa ser assim. o jogo do reconhecimento é muito cruel. eu aposto em outras saídas.

assim, convido vocês a sentirem o desconforto que os termos usados nas décadas passadas nos causam hoje e refletir sobre os efeitos disso nos nossos processos de subjetivação.

sobre as referências e indicações: escolhi listar ao final de cada episódio as fontes com as quais dialoguei para encadear as ideias. algumas referências eu preferi não marcar tão explicitamente ao longo da escrita pra manter a cadência e bagunçar um pouco as vozes e lugares de fala.

montei um arquivo pra facilitar o acesso a algumas das obras acadêmicas, literárias, relatos de experiências e manifestações artísticas que compilei para elaborar esse trabalho. meu compromisso aqui é com a nossa verdade, sempre parcial e localizada. por isso, espero que visitem as outras obras também!



1 . AMARO : ENTRE A NATUREZA E A CIÊNCIA

Amaro viveu entre o mar e a terra firme. aos 18 anos, consegue fugir da fazenda onde era escravizado e começa a trabalhar como marinheiro.

assim que a embarcação largou do cais a um impulso forte, o novo homem do mar sentiu pela primeira vez toda a alma vibrar de uma maneira extraordinária, como se lhe houvessem injetado no sangue de africano a frescura deliciosa de um fluido misterioso. A liberdade entrava-lhe pelos olhos, pelos ouvidos, pelas narinas, por todos os poros, enfim, como a própria alma da luz, do som, do odor e de todas as coisas etéreas... [...] todo o conjunto da paisagem comunicava-lhe uma sensação tão forte de liberdade e vida, que até lhe vinha vontade de chorar, mas de chorar francamente, abertamente, na presença dos outros, como se estivesse enlouquecendo... Aquele magnífico cenário gravara-se-lhe na retina para toda a existência; nunca mais o havia de esquecer, ó, nunca mais! Ele, o escravo, "o negro fugido" sentia-se verdadeiramente homem, igual aos outros homens, feliz de o ser, grande como a natureza, em toda a pujança viril da sua mocidade, e tinha pena, muita pena dos que ficavam na "fazenda" trabalhando, sem ganhar dinheiro, desde a madrugada té... sabe Deus!

no começo do livro, Amaro se encanta por Aleixo, "um belo marinheirito de olhos azuis, muito querido por todos e de quem diziam-se 'coisas'". o livro *Bom-Crioulo*, de Adolfo Caminha, conta a história dessa *paixão*, com toda a intensidade que a ideia de *pathos* carrega. foi publicado em 1895, época do naturalismo, movimento estético que prezava por de-

screver as minúcias da vida cotidiana.

o texto carrega palavras e expressões do seu tempo racista, animalizando pessoas negras e patologizando modos de vida, algo bem próximo do higienismo científico, que buscava identificar, observar, catalogar e, assim, controlar os corpos e as relações. escolhi trazer a história de Amaro porque os discursos acionados pelo autor para descrever os personagens, emoções e ambientes ilustram bem o tempo que quero retratar aqui, a transição entre os séculos XIX e XX.

Sua amizade ao grumete nascera, de resto, como nascem todas as grandes afeições, inesperadamente, sem precedentes de espécie alguma, no momento fatal em que seus olhos se fitaram pela primeira vez. Esse movimento indefinível que acomete ao mesmo tempo duas naturezas de sexo contrários, determinando o desejo fisiológico da posse mútua, essa atração animal que faz o homem escravo da mulher e que em todas as espécies impulsiona o macho para a fêmea, sentiu-a Bom-Crioulo irresistivelmente ao cruzar a vista pela primeira vez com o grumetezinho. Nunca experimentara semelhante coisa, nunca homem algum ou mulher produzira-lhe tão esquisita impressão, desde que se conhecia! Entretanto, o certo é que o pequeno, uma criança de quinze anos, abalara toda a sua alma, dominando-a, escravizando-a logo, naquele mesmo instante, como a força magnética de um ímã.

Chamou-o a si, com a voz cheia de brandura, e quis saber como ele se chamava.

– Eu me chamo Aleixo, disse o grumete abaixando o olhar, muito calouro.

– Coitadinho, chama-se Aleixo, tornou Bom-Crioulo.

E imediatamente, sem tirar a vista de cima do pequeno, com a mesma voz branda e carinhosa:

– Pois olhe: eu me chamo Bom-Crioulo, não se esqueça. Quando alguém o provocar, lhe fizer qualquer coisa, estou aqui, eu, para o defender, ouviu?

– Sim senhor, fez o marinheirito levantando o olhar com uma expressão de agradecimento.

– Não tenha vergonha, não: Bom-Crioulo, gajeiro da proa. É só me chamar.

pecado, crime e doença

logo no começo do seu trabalho como marinheiro, Amaro recebe o apelido de Bom-Crioulo por causa da sua habilidade com o trabalho e boa relação com os colegas da tripulação. ele é sempre

descrito como uma pessoa muito forte, alta, com um "formidável sistema de músculos". sua presença causa ao mesmo tempo medo e admiração, a depender do estado de espírito do momento. na maior parte do tempo é um cara gentil, mas seu humor variava principalmente quando tomava algumas doses de cachaça, "chegando mesmo a se chafurdar em bebedeiras que o obrigavam a toda sorte de loucuras". esse ponto é importante de ser destacado, pois, à época, estava se consolidando a influência de uma teoria médica chamada "degeneração". essa perspectiva acredita que comportamentos desviantes e criminosos seriam sintomas de adoecimento mental ou disfunção orgânica. nesse contexto, a loucura seria originada por determinados hábitos cotidianos pertencentes tanto à esfera da moralidade (p. ex. promiscuidade sexual, uso do álcool) quanto às condições de vida (p. ex. morar em cortiços, não se alimentar bem). vale destacar que as práticas homoeróticas eram consideradas sinais da degeneração, e por isso estão situadas na fronteira entre o crime e a loucura.

pra visualizar esse caminho que o estatuto da homossexualidade percorreu entre pecado, crime e doença, visitei o livro do João Trevisan sobre a história do Brasil. séculos antes, na época do tribunal do santo ofício, a homossexualidade era chamada de sodomia e, por ser um pecado nefasto, as pessoas poderiam ser executadas caso fossem denunciadas. o estudo dos documentos da inquisição oferecem uma possibilidade de reconstrução de narrativas sobre essas pessoas, homens, mulheres, sapos, bixas e trans da época colonial, que viveram criativamente seus gêneros e sexualidades e foram penalizadas por isso. Lígia Bellini estuda oito casos de mulheres acusadas de cometerem a sodomia. Ronaldo Vainfas também investiga casos de perseguição aos sodomitas, comentando inclusive que muitas das relações denunciadas ao tribunal se tratavam de abusos sexuais sob uma dinâmica racista. já nessa época, senhores, pessoas brancas, saíam ilesos, enquanto as pessoas negras, vitimadas, eram criminalizadas.

mais tarde, no momento imperial, ainda que fossem considerados atos obscenos, o exercício das sexualidades não normativas não poderia ser denunciado, controlado pelo Estado, a não ser que fosse praticado em lugares públicos, ofendendo, assim, a "moral e os bons costumes". de acordo com a pesquisa de James Green, existe documentação que mostra como a polícia patrulhava certos espaços da cidade, vigiando, limpando as ruas, importunando homens efeminados e mulheres-homem que

fossem demasiado visíveis. caso mostrassem um comportamento fora dos padrões de gênero dominante poderiam ser acusados de *vadiagem*. para os pobres e pretos, a prisão era comum. para as classes médias, um suborno livrava o sujeito da passagem pela delegacia.

na história de Bom-Crioulo são retratadas várias cenas de punição, especialmente no contexto da vida entre marinheiros. no começo do livro, contam o caso de um homem que foi pego se masturbando no convés. percebam como o discurso da época considera a gravidade do ato:

[...] Herculano foi surpreendido, por outro marinheiro, a praticar uma ação feia e deprimente do caráter humano. Tinham-no encontrado sozinho, junto à amurada, em pé, a mexer com o braço numa posição torpe, cometendo, contra si próprio, o mais vergonhoso dos atentados.

O outro, um mulatinho esperto, que tinha o hábito de andar espiando, à noite, o que faziam os companheiros, precipitou-se a chamar o Santana e, riscando um fósforo, aproximaram-se ambos "para examinar"... No convés brilhava a nódoa de um escarro ainda fresco: Herculano acabava de cometer um verdadeiro crime não previsto nos códigos, um crime de lesa-natureza, derramando inutilmente, no convés seco e estéril, a seiva geradora do homem.

a maneira como a sexualidade é compreendida no livro tem tudo a ver com a estética realista da época, que se inspirava nos métodos de investigação das ciências naturais: observação e descrição das minúcias e do cotidiano. a ideia era descrever a "realidade" nua e crua. nesse momento, existia uma forte visão determinista: os indivíduos são fruto das influências do meio. na descrição do primeiro encontro sexual de Amaro e Aleixo, conseguimos perceber como o autor trata o tesão e o desejo na ordem da necessidade e do instinto.

Bom-Crioulo estava de folga. Seu espírito não sossegara toda a tarde, ruminando estratégias com que desse batalha definitiva ao grumete, realizando, por fim, o seu forte desejo de macho torturado pela carnalidade grega.

Por vezes tinha querido sondar o ânimo do grumete, procurando convencê-lo, estimulando-lhe o organismo; mas o pequeno fazia-se esquerdo, repelindo brandamente, com jeitos de namorada, certos carinhos do negro. — Deixe disso, Bom-Crioulo, porte-se sério!

Nesse dia Priapo jurou chegar ao cabo da luta. Ou vencer ou morrer — Ou o pequeno se resolvia ou estavam desfeitas as relações.

Era preciso resolver "aquilo".

– Aquilo quê? perguntou o rapazinho muito admirado.

– Nada; o que eu quero é que não te zangues comigo.

E precipitadamente:

– Onde vais dormir esta noite?

– Lá bem à proa, na coberta, por causa do frio.

– Bem havemos de conversar.

Às nove horas, quando Bom-Crioulo viu Aleixo descer, agarrou a maca e precipitou-se no encalço do pequeno. Foi justamente quando o viram passar com a trouxa de baixo do braço, esgueirando-se felinamente..

Uma vez lado a lado com o grumete, sentindo-lhe o calor do corpo roliço, a branda tepidez daquela carne desejada e virgem de contactos impuros, um apetite selvagem cortou a palavra ao negro. A claridade não chegava sequer a meia distância do esconderijo onde eles tinham se refugiado. Não se viam um ao outro: sentiam-se, adivinhavam-se por baixo dos cobertores.

Depois de um silêncio cauteloso e rápido, Bom-Crioulo, conchegando-se ao grumete, disse-lhe qualquer coisa no ouvido. Aleixo conservou-se imóvel, sem respirar. Encolhido, as pálpebras cerrando-se instintivamente de sono, ouvindo, com o ouvido pegado ao convés, o marulhar das ondas na proa, não teve ânimo de murmurar uma palavra. Viu passarem, como em sonho, as mil e uma promessas de Bom-Crioulo: o quartinho da rua da Misericórdia no Rio de Janeiro, os teatros, os passeios...; lembrou-se do castigo que o negro sofrera por sua causa; mas não disse nada. Uma sensação de ventura infinita espalhava-se-lhe em todo o corpo. Começava a sentir no próprio sangue impulsos nunca experimentados, uma como vontade ingênita de ceder aos caprichos do negro, de abandonar-se-lhe para o que ele quisesse – uma vaga distensão dos nervos, um prurido de passividade.

– Ande logo! murmurou apressadamente, voltando-se.

E consumou-se o delito contra a natureza.

a corveta onde trabalhavam fica atracada no Rio de Janeiro por um tempo e, com isso, a parceria dos dois vai se consolidando. moravam juntos no quartinho alugado na pensão de Dona Carolina, na rua da Misericórdia. a Carola era uma mulher portuguesa, gorda, calorenta. recebia hóspedes em sua casa, que também funcionava como bordel. para Bom-Crioulo, era um momento muito feliz, experimenta uma delícia muito íntima, um gozo espiritual. durante um ano, essa "amizade misteriosa" foi se cultivando:

Não sonhava melhor vida, conchego mais ideal: o mundo para ele resumia-se agora naquilo: um quartinho pegado às telhas, o Aleixo, e... nada mais! Enquanto Deus lhe conservasse o juízo e a saúde, não desejava outra coisa.

quando Bom-Crioulo é convocado a trabalhar em outro navio, as coisas começam a desandar. o jovem Aleixo, agora iniciado na vida sexual, sente que também é "feito de carne e osso" e se fascina pela Dona Carolina. Bom-Crioulo, desesperado com a separação, foge das suas obrigações na embarcação e bebe bastante. com o álcool no corpo, se envolve em brigas e acaba preso.

O castigo foi tremendo.

— Não se iluda a guarnição deste navio! perorou o comandante. Desobediência, embriaguez e pederastia são crimes de primeira ordem. Não se iludam!...

E, como da outra vez, Bom-Crioulo emudeceu profundamente sob os golpes da chibata. Apanhou calado, retorcendo-se a cada golpe na dor imensa que o cortava d'alto a baixo, como se todo ele fosse uma grande chaga aberta, viva e cruenta.....

Amaro fica tão ferido que passa um mês internado no hospital da marinha. em todo esse tempo, só consegue pensar em Aleixo. sente-se abandonado e adoce ainda mais. a desilusão e o ódio tomam conta da sua mente e do seu corpo. é interessante notar como, à medida que o personagem vai se desestabilizando, categorias nosológicas são acionadas para descrever seus sentimentos, pensamentos e comportamentos: obsessão, uranista, erotômano, fetichismo africano...

O negro enchia-se de ódio ao mesmo tempo que sentia aumentar dentro do coração o desejo de possuir eternamente o rapazinho.

Desejava-o, sim, mas virgem de qualquer outro contacto que não fosse o dele, queria-o como dantes, para si unicamente, para viver a seu lado, obediente a seus caprichos, fiel a um regímen de existência comum, serena e cheia de dedicações mútuas.

Era-lhe impossível abandonar o grumete; e agora principalmente, agora é que esse amor, essa obsessão doentia redobrada com uma força prodigiosa impelindo-o para o outro, acordando zelos que pareciam estagnados, comovendo fibras que já tinham perdido antigas energias. O Bom-Crioulo da corveta, sensual e uranista, cheio de desejos inconfessáveis, perseguindo o aprendiz de marinheiro como quem fareja uma rapariga que estréia na libertinagem, o Bom-Crioulo erotômano

da rua da Misericórdia, caindo em êxtase perante um efebo nu, como um selvagem do Zanzibar diante de um ídolo sagrado pelo fetichismo africano – ressurgia milagrosamente.

Ele ali se achava no hospital, abandonado e só, gemendo tristezas inconsoláveis, arrastando os farrapos de sua alma, ganindo – pobre cão sem dono – blasfêmias contra a sorte que o desligara de Aleixo, contra Deus, contra tudo!

a escolha narrativa feita por Caminha para o adoecimento físico e mental do Bom-Crioulo ilustra o movimento ideológico da época, que também tentava levar os comportamentos desviantes para o campo da patologia e da loucura.

estamos percebendo como o começo da república no Brasil, entre o final do século XIX e o início do XX, tem como uma das suas marcas o surgimento de uma ampla reflexão sobre o desvio e o normal, o crime e a loucura. cientistas questionavam se o comportamento desviante era um defeito de caráter, ou algo de nascença... se poderia ser curado, descrito, capturado. o criminoso nasce assim? como identificá-lo? como prevenir as falhas? como remediar? os discursos racistas e eugenistas encontram um sólo fértil para gozar na curiosidade mórbida e experimentação sádica dos intelectuais.

nas publicações científicas dessa época, o desvio deixa de ser considerado uma *prática* pra se tornar uma marca, característica inata, de um sujeito específico. um "tipo de gente". essa discussão não estava somente nos meios científicos, mas alcançava as ruas e os lares através da promissora imprensa popular e da literatura.

loucura, sexualidade e gestão das intimidades

a difusão e interferência dos saberes científicos foi a principal forma pela qual o poder se articulou para ordenar o crescimento das cidades no começo do século XX. as concepções de higiene e práticas em saúde, o controle da criminalidade e ampliação do sistema penal, as terapêuticas sobre a infância, praticamente tudo passou por um intenso processo de disciplinarização. na virada do século, a medicina foi uma parceira do Estado para consolidação da ordem e do progresso da elite branca cisheterossexual.

a análise do discurso médico entre os anos 1870 e 1940 indi-

ca um movimento de afastamento da inversão sexual do âmbito da criminalidade para aproximá-la da loucura. se os juristas foram, ao menos na aparência, saindo do primeiro plano em relação aos invertidos, seu lugar não ficou vago. surgiram novos articuladores de um poder mais sutil, científico. pra cada desvio identificado, uma forma de correção, por agentes especializados: higienistas, médicos-legistas e psiquiatras.

a criação dos hospícios é a concretização de um projeto de controle social nas cidades. a elite médica, influenciada pela teoria da degeneração, afirmava que atos desviantes eram sinais de instabilidade psíquica e, portanto, deveriam ser tratados isolados da sociedade.

quando o manicômio passa a existir enquanto instituição, se torna uma referência a ser temida pelo imaginário social, pois é o lugar dos loucos e transviados. a estigmatização sempre foi uma das estratégias de o controle alcançar o ambiente privado, familiar. nesse momento, o que está em jogo na arena pública é sistematizar a influência do Estado sobre o corpo social. para as elites, é preciso controlar o povo e constituir uma nação, uma pátria. desejam apagar o passado racista e instituir um novo *ethos*.

os antigos asilos, onde os alienados ficavam abandonados, foram substituídos por instituições científicas. Maria Clementina Cunha conta que a criação da Hospício de Juquery em São Paulo, em 1898, significou a ampliação da escala de internamentos e da própria noção de loucura, pois passaram a estar incluídas nela categorias antes invisíveis aos olhos leigos: as noções de normalidade se adequavam aos padrões de disciplina e aos papéis sociais difundidos à população urbana. agora, os cidadãos deviam obediência menos a Deus do que ao médico. e, em lugar do dogma cristão, passou a imperar o padrão higienista. por essa brecha é que a psiquiatria pôde entrar, para aprimorar o controle da ciência sobre pessoas com práticas sexuais consideradas desviantes.

no Brasil dos anos 1920-30, acontecia uma infestação de sífilis e outras infecções sexualmente transmissíveis. esse dado deve ser levado em consideração quando refletimos sobre questões relativas à sexualidade no começo do século, pois a discussão sobre a libertinagem é acompanhada por campanhas de prevenção lideradas pela saúde pública.

o cotidiano no lar começa a ser preenchido com prescrições higienistas e cuidados mais eficazes, do ponto de vista da saúde e da educação. o médico impõe sua autoridade sobre o corpo, as emoções e principalmente a sexualidade de seus cidadãos.

os padrões são eugenistas: visam engrandecer a pátria e melhorar a raça. a partir de ideais de superioridade da elite branca, são criados modelos de boa conduta moral e sexualidade higiênica, dentro da família. de acordo com as campanhas, era preciso combater o sexo extraconjugal como uma maneira de controlar as doenças venéreas. além disso, era falado que o casamento seria uma garantia de boa vida física e moral. desse modo, masculinidade e feminilidade passam a se identificar com paternidade e maternidade, respectivamente. tudo o que fugisse a esse padrão regulador seria anormal.

os olhares dos especialistas buscavam sinais reveladores e definidores das doenças mentais. para homens e mulheres, esses sinais variavam, haviam especificidades. para a internação de mulheres, por exemplo, não havia muita hesitação, bastava a decisão de seus maridos, pais ou irmãos, por qualquer desconforto gerado por seu comportamento. os homens, ao contrário, precisavam adquirir uma visibilidade e incomodar com sua loucura antes da família ou a polícia decidir enviá-lo ao hospício.

assim, a diferença entre os pavilhões estava colocada: nos espaços masculinos, de maneira geral, os internos deliravam, eram incoerentes, agressivos, ou seja, deixavam poucas dúvidas a respeito da sua alteração psíquica. já nos pavilhões femininos, parecia haver uma "espécie invisível de loucura embutida em comportamentos morais". os sintomas eram: independência em suas escolhas pessoais, dedicação imoderada às suas carreiras profissionais, hiperexcitação intelectual... curioso notar que todos esses sinais seriam tomados como "qualidades positivas" caso o paciente fosse considerado um homem.

é importante perceber que o hospício científico é criado e implantado como estratégia de controle social sobretudo para esse tipo de loucura "indefinível", que é imperceptível para leigos, e, assim, mais ameaçadora ao convívio social.

quando escreve sobre a lógica prisional, Angela Davis indica que haveria uma diferença importante no tratamento dos comportamentos desviantes dos homens e das mulheres. de acordo

com a pantera, existe uma diferença *generificada* na lógica punitiva: enquanto a prisão se consolidava como a principal forma de punição no âmbito público, as mulheres continuaram a estar cotidianamente assujeitadas, submetidas a outras maneiras de punição, muitas vezes não reconhecidas como tal. ela conta que na história dos Estados Unidos, mulheres foram encarceradas em unidades psiquiátricas em proporções muito maiores do que em penitenciárias. no caso dos homens, isso se inverte. as prisões foram as instituições de controle masculino mais comum.

ao analisar os prontuários do Hospício de Juquery, Maria Cunha mostra que havia uma crença na inferioridade natural das mulheres e que isso estaria inscrito diretamente em seus corpos. para as pessoas consideradas mulheres, as fronteiras entre o permitido e o interdito deviam ser mais rígidas. algumas das práticas médicas nesses espaços escancaram a relação que estabeleciam entre sexualidade e loucura: injeção de água gelada no ânus, introdução de gelo na vagina, extirpação do clitóris ou de órgãos internos... ao longo do século XX houve um gradual abandono das técnicas violentas ou mutiladoras, mas isso não significou uma transformação fundamental nas formas de percepção da loucura feminina, qual sejam, as tecnologias do "tratamento moral". a normalidade continua relacionada a um tipo específico de sexualidade.

para definir os contornos do "perigo", a psiquiatria constrói seu oposto: a noção de Mulher moderna. mãe de família, educadora dos filhos, moderadora dos instintos masculinos do marido, elo de coesão da estrutura familiar, responsável pela gestão da economia da casa e dos afetos. se tornar a Razão da família, essa seria a sua "natureza".

a construção desse enobrecimento da natureza feminina responde a dois processos: a redefinição do conceito de família no começo do século XX, e a diferenciação entre as elites e as camadas populares. ora, esse discurso não foi, pelo menos inicialmente, voltado para as mulheres proletárias, recém-"libertas" da escravidão. era uma fala para as próprias classes dominantes das cidades, de modo a diferenciá-las dos grupos imorais e anti-higiênicos que infestavam as fábricas, as ruas, as habitações coletivas, longe do modelo de privacidade e bem-viver que a "boa sociedade" criava para si.

foi difícil resgatar histórias de pessoas LGBTQIA+ interna-

das nesse contexto. não duvido que algumas das mulheres que se "furtaram de seu papel 'natural', que insistiram em viver suas escolhas, que não se conformaram ao papel que lhes era destinado" seriam reconhecidas hoje em dia como sapatonas. entre os homens internados, Maria Cunha conseguiu identificar casos diagnosticados com "comportamento afeminado", "pederastia passiva" e "desvio mental".

ainda sobre sexualidade, ela comenta as diferenças entre os pavilhões masculinos e femininos, no que se refere à repressão de práticas masturbatórias: em quase todos os prontuários masculinos estavam registrados os hábitos onanistas, ou seja, haveria uma certa tolerância. nos pavilhões femininos era diferente: os hábitos sexuais eram tratados como atos imundos e sintomas definitivos de sua loucura.

mesmo que todos ali estejam sob algum nível de sujeição ao poder (do) médico, no interior das relações asilares continuam existindo as diferenças de tratamento em função do gênero, sexualidade, raça e classe. as mulheres de "boas famílias", por exemplo, não tinham seus cabelos raspados, ficavam em quartos individuais, escapavam do trabalho. o cuidado distinto aparecia também na forma de preencher os prontuários: muitas vezes havia um recato do psiquiatra na forma de analisar o caso, resguardando as boas famílias de toda culpa ou suspeição. os diagnósticos delas eram de loucura moral ou histeria, ou seja, características femininas "normais" potencializadas. para as classes populares, não havia pudor. eram marcadas com rubricas nosográficas que as aproximavam de um estado "primitivo": degeneração, fraqueza de espírito, inteligência rudimentar. no caso das mulheres negras, os médicos destacavam suas características raciais na construção dos diagnósticos, como se pudesse inscrever uma suposta inferioridade em suas peles, narizes e cabelos.

de maneira geral, o naturalismo literário relata os mesmos casos que os médicos em suas publicações, só se diferenciando pelo caráter ficcional. homossexuais são apresentados com infâncias difíceis, pais alcoólatras ou degenerados, vidas e relações complicadas, indecentes e trágicas. nas histórias, sempre subjaz uma moral que reforça o padrão de normalidade: vidas transviadas terminam mal. a arte também atua produzindo um *ethos* moral e corporal, que se estende a todas as áreas do cotidiano, inclusive a sexualidade.

quando leio publicações dessa época, de tão minuciosas, as descrições dos modos de vida desviantes sugerem uma proximidade do autor com essas pessoas. o romance entre Amaro e Aleixo foi tratado com *naturalidade* pelo autor e também pelas pessoas com quem conviviam na época, chegando inclusive a causar inveja em outros marinheiros.

vocês vão perceber como eu gosto de falar que as coisas são paradoxais e ambíguas. quando estamos nos propondo a contar uma história, fazer uma análise, acho muito importante conseguir fazer o jogo da dialética. nesse sentido, ainda que a relação entre Amaro e Aleixo tenha sido descrita por Caminha com tanto zelo e capricho, a visão do autor continua contaminada pelo discurso científico de sua época.

Peter Fry acredita que, mesmo tratando a homossexualidade como uma prática constituída por "desejos inconfessáveis", Caminha conseguiu contar uma história na qual a paixão entre dois homens não foi tratada como doença. nas palavras dele: "mas, se Caminha rompe com a moral paradigmática da homossexualidade e das características das raças, certamente não rompe com outra moralidade que, até nossos dias, parece a mais forte, mais geral e menos questionada, ou seja, a legitimidade das relações amorosas estáveis e o direito de o parceiro masculino matar em legítima defesa de sua honra".

com um final trágico, Bom-Crioulo foge do hospital onde ficou internado por mais de um mês, se recuperando da surra que levou como castigo por desobediência, embriaguez e pederastia. muito angustiado, ele vai até a rua da Misericórdia confrontar a traição de Aleixo. uma multidão se aproxima para ver a briga de perto. Amaro está alcoolizado, transtornado pelo ódio, e acaba matando o menino com uma navalha no meio da rua. nós, leitores, não conseguimos entender direito o que aconteceu, vemos apenas o corpo de Aleixo surgir na multidão.

Aleixo passava nos braços de dois marinheiros, levado como um fardo, o corpo mole, a cabeça pendida para trás, roxo, os olhos imóveis, a boca entreaberta. O azul escuro da camisa e a calça branca tinham grandes nódoas vermelhas. O pescoço estava envolvido num chumaço de panos. Os braços caíam-lhe, sem vida, inertes, bambos, numa frouxidão de membros mutilados.

A rua enchia-se de gente pelas janelas, pelas portas, pelas calçadas. Era uma curiosidade tumultuosa e flagrante a saltar dos olhos, um desejo irresistível de ver, uma irresistível atração, uma ânsia!

Ninguém se importava com "o outro", com o negro, que lá ia, rua abaixo, triste e desolado, entre baionetas, à luz quente da manhã: todos, porém, todos queriam "ver o cadáver", analisar o ferimento, meter o nariz na chaga... Mas, um carro rodou, todo lúgubre, todo fechado, e a onda dos curiosos foi se espalhando, se espalhando, até cair tudo na monotonia habitual, no eterno vaivém.

qual foi o crime nessa história? ter amado um homem? a traição? ter enlouquecido? o assassinato? eu fico com a impressão de ter sido um pouco de tudo isso. os limites entre o crime e a loucura não estão mesmo bem colocados.

na passagem final do texto, a "curiosidade tulmutuosa", o "desejo irresistível de ver", também me remete ao contexto no qual a história se passa, quando o interesse dos médicos e cientistas beira o voyeurismo sádico. os livros da época estão recheados de relatos muito detalhados, que sugerem até um excesso de fantasia, ou ambigualmente, um conhecimento prático e quase íntimo do assunto. por exemplo, de acordo com o dr. Pires de Almeida, a parte do corpo predileta entre os uranistas é "uma coxa bem torneada: eles se comprazem em palpá-la, em apertá-la, em beliscá-la". não contente com essa exposição, e sempre resguardado pela aura científica, o médico-higienista chegava a transcrever trechos de cartas de amor entre dois pederastas, para mostrar como eles se expressavam entre si.

para criar seus romances, os escritores se aproximavam dos setores sociais sobre os quais queriam escrever. conviviam com as pessoas para então produzir uma obra calcada nas observações da realidade, num exercício quase antropológico.

já os médicos, ao mesmo tempo que descreviam as intimidades, carinhos e práticas sexuais de seus pacientes, solicitavam energicamente a intervenção da polícia para coibir os abusos dos uranistas e pederastas nos jardins públicos do Rio de Janeiro, onde marinheiros, soldados e vagabundos de toda espécie se entregavam a esse asqueroso vício.

esse pêndulo que vai entre a criminalização e a patologização das vidas transviadas se move com as disputas discursivas de cada contexto, como veremos a seguir.

referências e indicações

ARNEY, Lance; FERNANDES, Marisa; GREEN, James. 2003. **Homossexualidade no Brasil**: uma bibliografia anotada. Cad. AEL, v. 10, n. 18/19, p. 317-348.

BELLINI, Lígia. 1989. **A coisa obscura**: Mulher, sodomia e Inquisição no Brasil colonial. São Paulo: Brasiliense, p. 35.

BELUCHE, Renato. 2006. **O corte da sexualidade**: o ponto de viragem da psiquiatria brasileira no século XIX. Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais). Universidade Federal de São Carlos.

BUTLER, Judith. 2014. **Regulações de gênero**. Cadernos Pagu. 42

CAMINHA, Adolfo. 1895. **O Bom-Crioulo**. Ministério da Cultura. Fundação Biblioteca Nacional. Departamento Nacional do Livro.

CUNHA, Maria Clementina. 1989. **Loucura, Gênero Feminino**: As mulheres do Juquery na São Paulo do início do Século XX. Rev Bras de Hist. São Paulo. v9. n18. pp.121-144.

CUNHA, Maria Clementina. 1998. **De historiadoras, brasileiras e escandinavas**: loucuras, folias e relações de gêneros no Brasil (século XIX e início do XX). Rev Tempo. Rio de Janeiro. v3. n5. p. 1881-215.

DAVIS, Angela. 2000. **Are prison obsolete?** Nova Iorque: Seven Stories Press.

ENGEL, Magali Gouveia. 2008. **Sexualidades interditadas**: loucura e gênero masculino. História, Ciências, Saúde. Manguinhos, Rio de Janeiro, v15, p.173-190.

FIGARI, Carlos Eduardo. 2006. **Escritos en el cuerpo**: higienismo y construcción médica de la homossexualidad en el Brasil Republicano (1889-1940). Antípoda, v. 3, p. 23-50.

FRY, Peter. 1982. **Léonie, Pombinha, Amaro e Aleixo**: prostituição, homossexualidade e raça em dois romances naturalistas. Caminhos Cruzados: Linguagem, Antropologia e Ciências Naturais. Ed. Brasiliense.

GREEN, James. 2012. **Homossexualidades e a História**: recuperar

ando e entendendo o passado. Niterói. v12, n2, p. 65-76.

LARA, Oswaldo. 2008. **A perspectiva queer aplicada ao contexto brasileiro**: apontamentos para uma sociologia histórica. PLURAL, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.15, pp.81-98.

LARA, Oswaldo. 2009. **Entre o "instinto" e a "falta de hábito"**: a psiquiatrização da sexualidade em Bom-Crioulo (1895). Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Sociologia). Universidade Federal de São Carlos.

PEREIRA, Bruna. 2016. **Entre a loucura e a norma**: mulheres internadas no Sanatório Pinel (São Paulo, 1929-1944). Mestrado (Programa de Pós-Graduação em História Social). Universidade de São Paulo.

PEREIRA, Carlos Alberto. 1994. **O direito de curar**: homossexualidade e medicina legal no Brasil dos anos 30. Capítulo do livro: A invenção do Brasil Moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20-30. Rio de Janeiro: Rocco.

SILVA, Redson. 2016. **"Sob cuidados médicos"**: homossexualidade masculina nos prontuários de Pinel (1920-1940). Mestrado (Programa de Pós-Graduação em História). PUC-SP

SILVA, Vera Nathalia. 2005. **Equilíbrio distante**: a mulher, a medicina mental e o asilo. Bahia (1874-1912). Mestrado (Programa de Pós-Graduação em História Social). Universidade Federal da Bahia.

TREVISAN, João Silvério. 2000. **Devassos no paraíso**: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Rio de Janeiro: Record.

VAINFAS, Ronaldo. 1989. **O trópico dos pecados**: Moral, sexualidade e Inquisição no Brasil. Rio de Janeiro: Campus.



2 . F E B R Ô - N I O : E N T R E A J U S T I Ç A E A P S I Q U I A T R I A

por muito tempo na minha trajetória, definir uma identidade foi crucial pra me localizar no mundo. me lembro de, aos 14 anos, estar numa lanchonete com duas amigas. a gente tomava um açaí. entre uma risada e outra, elas me contam que gostavam de meninas, e perguntam se eu também. na televisão, passava o clipe da música *too little too late*, da cantora Jojo. pareceu que uma ficha dentro de mim tinha caído: "então pode?".

as lentes com que eu via o mundo de repente tinham mudado. a primeira coisa que respondo é um chiste com meu nome: "agora preciso entender se sou Gay-ou-Bi!".

na época do colégio, me apaixonei algumas vezes. tudo platônico. quando cheguei na faculdade, aos 17 anos, beijei uma mulher pela primeira vez. por muito tempo, me apeguei à identidade lésbica. participava de uma comunidade. aos poucos, a convivência com outras pessoas trans me fez perceber que pra mim fazia muito mais sentido desapegar da ideia de "mulher-lésbica" e construir outra coisa, outro corpo, outro nome, mais livre de expectativas. geralmente é difícil se permitir algo assim. nos apegamos a algumas de nossas identidades com muita força, achamos que elas dizem algo da nossa essência, como se existisse um eu verdadeiro.

o que eu acho mais lindo entre nós é a infinitude de experiências.

Febrônio se chamava de Príncipe do Fogo, Filho da Luz.

seria uma bixa...? não sei se importa.

na época dele, esse lance de "identidade de gênero", "orientação sexual", "identidade sexual" não estava colocado como é pra gente hoje. mesmo assim, escolhi contar um pouco da sua história porque ela se tornou paradigmática para entender a maneira como ainda lidamos com o cruzamento das questões de identidade, sexualidade, raciais, espiritualidade, loucura e crime.

na década de 1920, Febrônio publica o livro "as Revelações do Príncipe de Fogo". pouco tempo depois todas suas cópias foram incendiadas e destruídas pela polícia. hoje, as principais fontes para conhecer um pouco da sua história são relatórios psiquiátricos, autos de processos jurídicos, notícias da imprensa e entrevistas que fizeram com ele enquanto esteve privado de liberdade. ao longo de todo o século XX, vários pesquisadores se fascinaram por sua vida e produziram artigos, teses e dissertações sobre sua fisionomia, analisam como foi seu julgamento, comentam sobre os impactos da cobertura da imprensa sobre o caso... e esse ponto já diz muito: as palavras dos outros sobre sua experiência sempre valeram muito mais e inclusive sobreviveram com mais legitimidade e por mais tempo do que sua própria voz e escrita.

o começo da vida de Febrônio me lembrou de várias conversas que já tive com mulheres trans e travestis sobre suas infâncias: a migração forçada como estratégia de sobrevivência. ainda que nutrisse um grande amor pela mãe, sua Estrela do Oriente, o pai de Febrônio era um homem violento que bebia e espancava a esposa e os filhos. aos 12 anos, a criança foge de casa e chega em Diamantina, onde aprende a escrever.

Febrônio nasceu em 1895, na região do Jequitinhonha, em Minas Gerais. chega ao Rio de Janeiro com 14 anos e vai se virando como consegue. ainda com a idade de 14 fica preso na escola de correção por um pequeno furto. durante a juventude, passa várias vezes pela delegacia por fraude, roubo, suborno e vadiagem. sobre esse tempo, o diretor da Casa de Detenção comenta que ele "entrega-se ao vício da pederastia".

nas ruas, Febrônio era temido e conhecido por ter poderes de feiticeiro. era benzedor, cirurgião e dentista. levava uma vida de andarilho pelo país, praticando os ofícios na clandestinidade. usou vários nomes e apelidos, mas em determinado

momento adota o sobrenome Índio do Brasil.

a proximidade dos trinta anos de idade trouxeram mudanças drásticas para a sua vida: de volta ao Rio de Janeiro, Febrônio afirmava ser o profeta de uma nova religião. entre 1925 e 1926, publica seu livro, um evangelho de 67 páginas. as Revelações foram incendiadas pela polícia, mas João Trevisan conta a fofoca que na biblioteca de Mário de Andrade resta um exemplar original, com observações como "erudição deliciosa" e "admirável" nas margens das páginas. de acordo com a Teologia desenvolvida por Febrônio através de sonhos e visões, ele deveria tatuar 10 rapazes com as letras romanas D.C.V.X.V.I., que significam Deus Vivo ou Ímã da Vida. além dessas letras, ele tatua no próprio peito: "eis o filho da luz".

em agosto de 1927, Febrônio vai preso, suspeito de ser o autor do assassinato de Alamiro. na delegacia, confessa o crime: teria saído com o rapaz, tomaram uma cachaça, e estiveram pelo cinema Ideal. os dois então foram para a Ilha do Ribeiro, onde tiveram uma acalorada discussão, que resultou na morte do rapaz. logo em seguida, Febrônio nega a validade da sua confissão, afirmando ter sido torturado na delegacia. seu advogado, Letácio Jansen, afirma que a polícia não conseguiu provas cabais para incriminar Febrônio: "em vez de investigar fizeram reclame, barulho e... nada mais". mesmo assim, não foi sobre esta observação que montou sua defesa. Jansen prossegue no sentido de mostrar que Febrônio era louco e, portanto, não responsável por seus atos.

não podemos nos esquecer que essa é a época de psiquiatrização da homossexualidade, da degenerescência da raça, e que Febrônio, na visão deles, incorpora o modelo ideal de monstro: o pederasta-sádico-mestiço-pobre-louco-feiticeiro.

na tentativa de defender Febrônio das acusações de assassinato, o advogado busca evidências científicas para provar a sua loucura. com citações de importantes psiquiatras nacionais e internacionais da época, Jansen mostra que é um fato a ligação entre homossexualidade e sadismo. além disso, recolhe depoimentos do diretor da Casa de Detenção que indicam que Febrônio seduzia jovens e se relacionava sexualmente com outros homens enquanto estava preso. outro ponto que usa em sua argumentação é o de que a profissão de dentista e cirurgião seriam indicações de sadismo do réu. depois, argumenta que a religiosidade de Febrônio seria uma mitomania e, portanto,

ligada ao erotismo e à loucura. enfim, o caso da defesa é que ele não poderia ser responsabilizado por suas ações.

a armadilha das especificidades

o que vem primeiro? a teoria ou a vida? a prescrição ou o sujeito?

como já vimos, no Brasil da década de 1920, impera a defesa de uma sociedade saudável. para conquistá-la, o saber médico é valorizado ao ponto ter um acesso semidivino à verdade.

nas faculdades de Medicina do eixo Salvador-Rio, diversas teses foram defendidas argumentando que toda perversão sexual atentava contra as normas sociais e a coletividade. os autores sustentavam, assim, a repressão dos pederastas, uma vez que seriam criminosos, desviantes. desse modo, com legitimação científica, vai sendo construída a compreensão de que o homossexualismo causa a destruição da sociedade. essa visão se aprofunda na década de 1930, com o Estado Novo e a ascensão do nazifascismo. fica evidente que a eugenia expressa um projeto não apenas médico, mas político, ideológico.

quando o Estado assume a responsabilidade pela sociedade, a ciência passa a ocupar um posto importante no ordenamento das relações: todo comportamento que atrapalhe a sexualidade conjugal, sagrada e natural, deverá ser estigmatizado, seja como patologia ou como crime. desse modo, o adultério, a libertinagem, a prostituição, o onanismo, masturbação, a sodomia, pederastia e até mesmo a vida em celibato passam a constituir um campo de investigação médica. criam-se diagnósticos, categorizações, e possíveis terapêuticas ou penalizações. os agentes para fiscalização dessa estrutura seriam a ordem jurídica e a força policial. a partir das descrições e nosologias, as diferenças de cada sujeito são naturalizadas e escaladas ao estatuto de especificidades.

da mesma maneira que o Brasil definia a sua sexualidade, ele também discutia e organizava a sua composição racial. um aspecto central do debate entre os homens brancos da elite dos anos 1930 é que a "mistura", vista sob a ótica da degenerescência, seria algo negativo.

é por isso que nas discussões relativas ao que hoje a gente chama de homossexualidade, por exemplo, os nomes mais usados

eram "intersexualidade" ou "missexualidade", apontando justamente para a indefinição entre os pólos "masculino" e "feminino". a própria categoria de "inversão sexual" indica que algo está trocado, fora do lugar. é interessante como sempre esteve latente a dimensão do gênero para a descrição das práticas sexuais!

isso quer dizer que, no começo do século, não dava muito pra pensar nos termos de pessoas "trans" ou "cis", pois ainda não existia a noção de "identidade de gênero". as categorias "inversão" e "homossexualismo" eram usadas para descrever tanto pessoas dissidentes de "gênero" quanto as que viviam sua sexualidade com pessoas do mesmo "sexo". mas haviam muitos outros nomes também. no Brasil, as homossexualidades foram incluídas nos manuais médicos e penais com várias terminologias, dependendo das singularidades da prática ou experiência.

nessa mesma época, a noção de "mistura racial" é articulada com a discussão de degenerescência, uma marca moral por excelência do Brasil. noções como "mestiçagem" e "miscigenação", são usadas para construir a cínica proposta de uma democracia racial no país. o controle da população negra era feito por várias práticas e discursos. a noção de vadiagem foi muito acionada pelas forças policiais para restringir a circulação das pessoas. espaços de convivência pretos como as rodas de samba, os terreiros, a capoeira, eram perseguidos e criminalizados. a boa desculpa era a parceria com a medicina, que pregava a higiene social para o combate à degenerescência.

as fronteiras entre medicina e justiça se misturam cada vez mais. na ânsia por catalogações e especificidades, as questões sexuais adquirem tanta relevância que se configuram como uma subdivisão específica da medicina legal, denominada "sexologia forense".

o ponto de partida da lógica da medicina legal é a ideia de "identificação". eles acreditam que os indivíduos podem ser distinguidos a partir de suas características fisiológicas, sobretudo ósseas. os médicos tentavam essencializar a diferença entre raças e sexos, ficcionando o binarismo a partir de métricas corporais: índices encefálicos, ângulos faciais, formato da genitália, do tórax, do quadril... também consideravam outras variáveis, ainda mais subjetivas e arbitrárias, como a mímica, gestualidade, modo de andar, funções sensoriais, voz e caligrafia. tentavam criar "tipos" e encaixar todas

as pessoas com práticas homoeróticas no fenótipo do homossexual criado a partir da estatística antropométrica.

desse modo, a construção da inversão, ou do homossexual, é feita a partir da metodologia médica taxonômica de patologias e sintomas, seguindo as direções da escola lombrosiana. esse era o mesmo esquema que tentava identificar a morfologia de "criminosos natos", ou d"A mulher", "O negro"... em todos os trabalhos do campo da medicina legal, são encontradas tentativas de associação entre a perversão, psicopatia, crime e a negritude.

simultaneamente, a inversão e o homossexualismo também vão adquirindo uma entidade que, mesmo confusa e ambígua, representa pelo menos um estigma de degeneração e doença sobre as pessoas com práticas homoeróticas. da mesma maneira que os loucos, as histéricas, as prostitutas, os vagabundos e os negros, os homossexuais se tornam uma anomalia social que se combate, se reprime ou tenta curar.

pra pensar uma cura, os médicos investigam qual seria a causa. a produção científica sobre o tema pode ser dividida em dois grupos, a psiquiátrica e a endocrinológica. sendo uma patologia, a homossexualidade poderia e deveria ser curada mediante tratamentos adequados. muitos médicos indicavam a necessidade de internação em hospícios para casos que manifestavam "comportamentos perigosos" para a sociedade.

para a abordagem endocrinológica, a terapêutica mais indicada nos casos de inversão sexual era a manipulação hormonal. alguns médicos chegaram a realizar procedimentos de transplante de testículos e outras glândulas para reverter o quadro de "mal funcionamento". Leonídio Ribeiro, um dos médicos que participou do julgamento de Febrônio, apostava que em poucos anos conseguiriam isolar o exato hormônio responsável pela inversão, da mesma maneira que tinham conseguido identificar a insulina para o tratamento da diabetes. aqui, o que está sendo ressaltado é a necessidade de tratamento, em vez de punição. mesmo assim, eles defendiam que os pederastas deveriam estar separados da sociedade a fim de receber o tratamento adequado.

a abordagem psiquiátrica também defendia o tratamento em isolamento. porém, qual o melhor lugar? privação de liberdade nas penitenciárias? não, pois impediria o acesso a tratamento, e nem todos eram criminosos. trancá-los nos hospitais

psiquiátricos? melhor não... "poderiam transplantar seus vícios para os demais enfermos". na década de 1920, surge a proposta de criação de um estabelecimento próprio para a reclusão de homossexuais. até me lembrou da pesquisa que fiz sobre as Alas LGBT no Sistema Prisional de Minas Gerais. ainda que essa ideia de um instituto especializado não tenha vingado, os manicômios judiciais serviram como uma luva.

havia ainda outro setor na medicina, que discordava que homossexuais seriam meramente doentes, mas sim depravados morais, indicando o combate a prática como resposta para esse problema. se dependesse desses médicos, os homossexuais deveriam ser presos ou exterminados. e eles até tentaram. em 1937, acontece a Primeira Semana Paulista de Medicina Legal, onde foi proposta uma revisão do Código Penal brasileiro. vários juristas e médicos presentes sugerem que se introduza no código penal "dispositivos punindo toda a prática de homossexualismo, qualquer que fosse a modalidade". ainda que não tenha sido introduzida no Código Penal, muitos juristas simplesmente passam a se comportar como se tivessem sido, incentivando torturas e práticas punitivas.

para o julgamento de Febrônio, seu advogado construiu o argumento da "loucura moral". a defesa foi toda baseada em teorizações psiquiátricas e pelo menos três médicos da época foram convocados para opinar.

Leonídio Ribeiro acreditava que a medicina legal deveria ajudar na elaboração das legislações e teve sua carreira alavancada a partir da participação no julgamento midiático de Febrônio. ele se interessava profundamente pelo tema das homossexualidades e o caso de Febrônio se encaixou bonitinho na sua hipótese científica, importada, de que na base do homossexualismo estaria uma disfunção endócrina.

na década de 1930, ele passa a comandar o instituto de identificação da polícia civil do Rio de Janeiro, onde analisou 195 indivíduos que foram detidos e fichados por se entregarem à prática habitual de pederastia passiva. na publicação dessa pesquisa, dedica um capítulo inteiro de seu livro ao caso de Febrônio, fazendo uso do monstro imaginário para se firmar como uma referência no campo da medicina legal.

outro médico importante dessa história foi Heitor Castilho, diretor do recém inaugurado Manicômio Judiciário do Rio de

Janeiro. Febrônio foi o paciente nº000001 da instituição. no relatório que Castilho elabora depois de um ano de observação, estão descritos aspectos somáticos, mentais e também são elaboradas considerações clínicas a respeito do réu. a conclusão do médico sobre a responsabilidade criminal do sujeito é que se trata definitivamente de um louco moral e, portanto, seria irresponsável e perigoso. sua indicação é a de que ele deveria ficar internado para tratamento em "estabelecimento apropriado a psychopathas delinquentes", sem previsão de data para liberdade. tive acesso a esses recortes dos autos a partir da pesquisa de Peter Fry.

no exame somático, Castilho destaca algumas medidas do corpo de Febrônio: "considerável desenvolvimento das mamas (gynecomastia), bacia larga, lembrando o typo feminino". também comenta sobre as tatuagens. embora as provas de loucura não usem explicitamente estas observações da "feminilidade" do corpo de Febrônio, certamente é intenção do relator sugerir que a sua homossexualidade possui fundamentos biológicos, de acordo com as teorias da época.

é curioso que páginas e mais páginas de teoria foram escritas a respeito da conformação morfológica de um "Homossexual": desde suas orelhas, até suas mamas, seu olhar, dedos, formas arredondadas das nádegas, voz fina e ausência de pêlos no peitoral. na lógica lombrosiana, quanto mais freneticamente se descreviam as características, mais traços eram descobertos, criando-se assim novos sintomas e novas patologias, em uma espiral sem fim. paradoxalmente, ao tentar delimitar o corpo, na verdade estabeleciam sobre ele uma abertura polissêmica em que cabia tudo quanto fosse possível.

o promotor de acusação do caso de Febrônio não concorda com os peritos. primeiro, porque não aceita a recomendação de que Febrônio seja segregado ad vitam no Manicômio, uma vez que isso nem existe no Direito Penal brasileiro. ele tenta argumentar que a loucura moral atestada pelos médicos não é nada mais nem menos do que a cultura interiorana e vulnerabilizada na qual Febrônio se criou. sobre o misticismo, o promotor argumenta que é absolutamente normal entre certos setores da população: "o culto do Deus Vivo pode não ser 'derivação dos impulsos libertadores' da sexualidade primitiva ou pathologica; pode ser uma natural manifestação do sentimento religioso no homem inteiramente são".

a defesa o considera Louco e propõe que seja internado em um manicômio, a acusação argumenta para que Febrônio fosse considerado Criminoso comum, sentenciado e preso.

o juiz decide acolher a defesa e envia Febrônio para o Manicômio Judiciário. depois de algum tempo preso, ele escreve de próprio punho pedindo um segundo exame de sanidade mental: "no meu querido Brasil a causa mais difícil é um pobre filho da terra encontrar os seus direitos na justiça quando ele é pobre". a resposta do Juiz é curta: cabe ao Diretor informar o estado de cura do paciente, se possível isto fosse de ocorrer.

nos primeiros anos sem liberdade, Febrônio conta com a ajuda de seus irmãos e recorre à decisão do juiz algumas vezes, pedindo novos exames médicos, ou mesmo a transferência para outras unidades, mais próximas da família. em todas as respostas, os laudos psiquiátricos indicam que ele não deve ser levado a sério, pois seria um louco perigoso. proclama o Juiz: "o seu lugar é no Manicômio Judiciário, de onde só poderá sair quando a ciência tomar a responsabilidade da sua completa cura".

daí em diante, os documentos que aparecem no processo vão demonstrando a sua gradual decadência. são muitos anos de eletrochoque, isolamento e cardiazol, até que ele passa a ser considerado a relíquia do Manicômio Judiciário Heitor Castilho. sim, o Manicômio recebe o nome do seu primeiro Diretor, eternizando-o.

em um laudo de 1956, isto é, depois de 29 anos de confinamento, os médicos citam: "tratando-se da Cadeia que estava condenado, já acabou trinta anos de prisão; pouco importa que cometeu crime ou não cometeu: trata-se que já acabou o máximo da pena imposta a qualquer criminoso: em nosso país o máximo da pena para qualquer crime é de 30 anos de prisão".

porém, a associação da homossexualidade com a loucura coloca nas mãos do psiquiatra todo o poder sobre o destino daquela pessoa. se com um juiz o condenado cumpriria uma sentença pré-estabelecida por lei, podendo conseguir até mesmo a liberdade condicional ou redução da pena, nas mãos do médico o "louco moral" não tem uma sentença que defina prazos e limites. sua liberdade depende exclusivamente da opinião e da caneta do poderoso psiquiatra.

em 1982, Peter Fry visita Febrônio. Com 86 anos de vida, 55 anos de confinamento, há de ser um dos mais velhos presos do Brasil e aquele que mais tempo ficou atrás das grades. em 1985, é lançado o filme de Silvio Da-Rin, O Príncipe de Fogo, uma entrevista com Febrônio, ainda preso, aos 89 anos, pouco antes de morrer, já quase cego e surdo. embora nunca julgado pelos crimes de que foi acusado e tendo-os negado sistematicamente, o recurso da defesa de "loucura moral" foi mais do que suficiente para afastar o "monstro" definitivamente da vida social.

efeitos no imaginário social

o caso de Febrônio teve repercussão nacional, ocupando muito espaço na imprensa no final de 1927. manchetes sensacionalistas o transformavam em monstro e traduziam para um vocabulário mais acessível as teorias médicas e jurídicas da época. muitas pessoas acompanhavam o desenrolar da história da mesma maneira em que hoje em dia assistimos aos já batidos seriados de investigação policial.

noticiavam que ele seria o primeiro serial killer do Brasil e investiram pesado na sua caracterização como um monstro perverso. a medida que a história se torna de conhecimento comum, a associação entre homossexualidade e sadismo, tendo Febrônio como modelo universal, consolida o imaginário da figura doente e agressiva dos pederastas. cuidadoras assustam seus bebês, o transformando em bicho-papão e contando histórias do tipo: fica andando na rua fora de hora pra ver o que acontece: "O Febrônio te agarra, te enraba e te mata!".

além disso, Febrônio também apareceu em marchinhas de Carnaval e inspirou crônicas literárias. o nome de Febrônio se adjetivou, sendo usado como gíria carioca na década de 1930. em vários lugares, febrônio se tornou sinônimo pra homossexual.

também foram produzidas peças teatrais, filmes e documentários sobre a sua história. internacionalmente, a história de Febrônio ficou famosa depois que o poeta suíço Blaise Cendrars veio ao Brasil e o entrevistou enquanto estava internado na Casa de Detenção. o poeta ofereceu uma leitura sobre os aspectos religiosos e espirituais da trajetória de Febrônio, indicando que as instituições brasileiras não estavam preparadas para lidar com a complexidade do caso.

nesse sentido, a história de Febrônio é importante de ser recontada por explicitar a branquidão da lei, o racismo religioso institucional, que compulsoriamente nomeia manifestações espirituais diferentes da católica mais estrita como crime e loucura. com a interferência do discurso psiquiátrico no campo jurídico, o caso de Febrônio deixa um legado inconveniente e um pretexto perigoso para as tentativas de controle das vidas transviadas.

com a ajuda das mídias, da imprensa e da arte popular a psiquiatria conseguiu fazer com que um caso individual se tornasse modelo universal, referência, para descrever toda uma infinidade de sujeitos. isso contribuiu para legitimar a criminalização e patologização dos invertidos.

Febrônio provavelmente foi a pessoa que ficou mais tempo presa no Brasil. sua defesa levantou o argumento da loucura moral para protegê-lo, como se ficar em um manicômio para o resto da vida fosse uma resposta menos danosa. como sabemos, uma vez que não vale a lógica da democracia, da escuta daquela pessoa, a consequência da captura pela racionalidade da psiquiatria é o próprio enlouquecimento. a voz do considerado louco é inaudível.

em termos de visibilidade e perseguição, a repercussão é muito diferente para experiências de homossexuais masculinos e femininos, gays e lésbicas, bixas e sapatonas... para a medicina legal dos anos 1930, as práticas homoeróticas entre pessoas consideradas mulheres não era tão reconhecida. muitos acreditavam ter a ver com uma natureza mais dissimulada, que disfarça melhor. além disso, parece que o controle institucional sobre essas pessoas era mais difícil, uma vez que alcançavam menos a esfera pública.

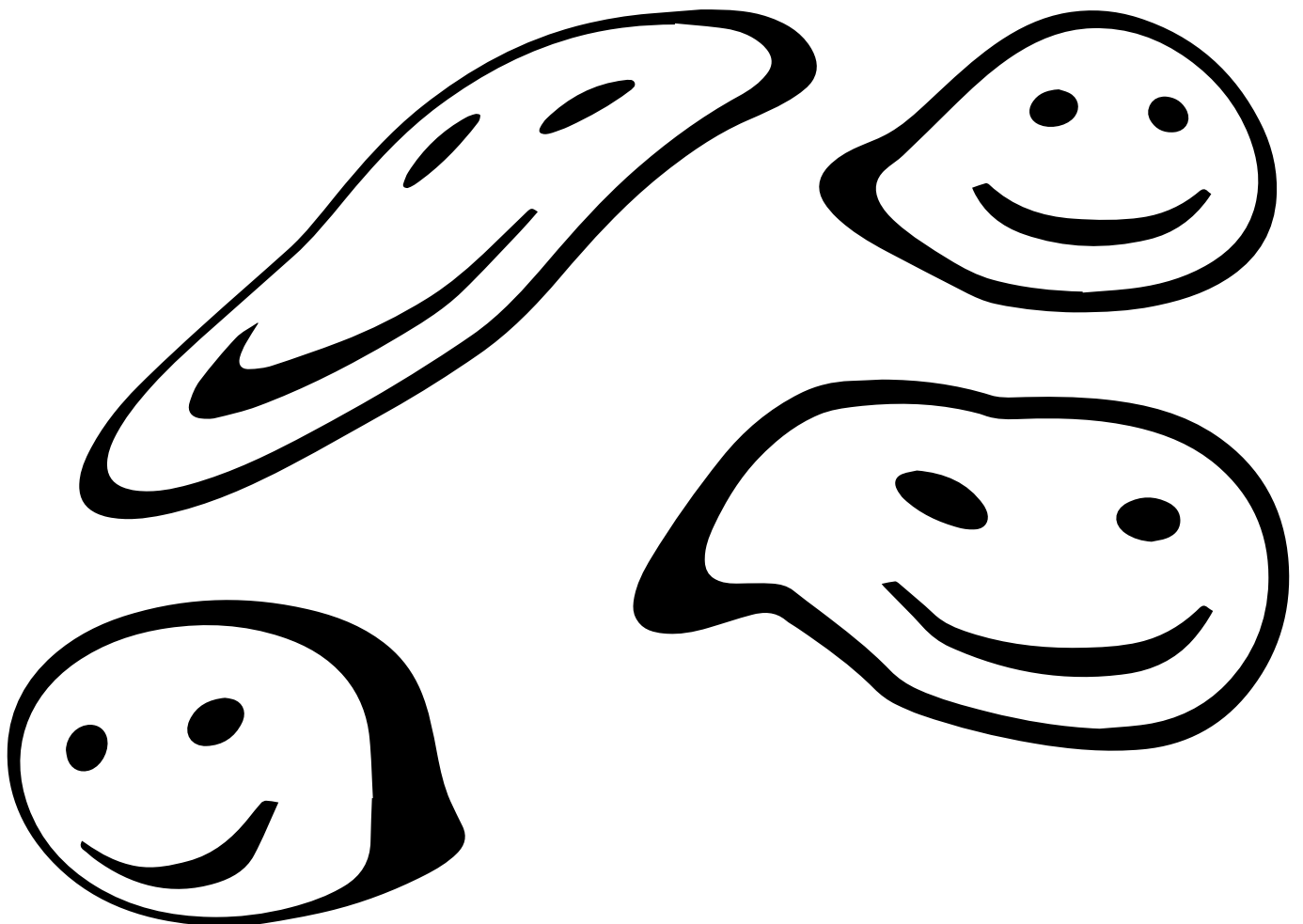
ainda que considerassem a sapatônica como algo menos "danoso" do ponto de vista social, como vimos, muitas mulheres foram internadas em instituições psiquiátricas na tentativa de normalização das suas sexualidades. pra ilustrar o cenário manicomial de controle sobre a vida das mulheres, no próximo capítulo vou contar a história de Eudemônia.

referências e indicações

- BASTOS, Glaucia. 1994. **Como se escreve Febrônio**. Mestrado (Letras). Unicamp.
- CALIL, Augusto. 2015. **Aí vem o Febrônio!** Teresa Revista de Literatura Brasileira; São Paulo, p. 101-116.
- CARRARA, Sérgio. 1998. **Crime e loucura: o aparecimento do manicômio judiciário na passagem do século**. Rio de Janeiro: EdUERJ; São Paulo: EdUSP.
- CARRARA, Sergio. 2010. **A história esquecida: os manicômios judiciários no Brasil**. Rev Bras Crescimento Desenvolvimento Hum. v20, p. 16-29.
- CUNHA, Maria Clementina. 1989. **Loucura, Gênero Feminino: As mulheres do Juquery na São Paulo do início do Século XX**. Rev Bras de Hist. São Paulo. v9. n18. pp.121-144.
- FRY, Peter. 1982. **Febrônio Índio do Brasil: onde cruzam a psiquiatria, a profecia, a homossexualidade e a lei**. Caminhos Cruzados: Linguagem, Antropologia e Ciências Naturais. Brasileiraense.
- GREEN, James. 2003. **O Pasquim e Madame Satã, a "rainha" negra da boemia brasileira**. TOPOI, v. 4, n. 7, pp. 201-221.
- GUTMAN, Guilherme. 2010. **Febrônio, Blaise & Heitor: Pathos, violência e poder**. Rev. Latinoam. Psicopat. Fund., São Paulo, v. 13, n. 2, p. 175-189.
- LAMOUNIER, Gab. 2018. **Gêneros Encarcerados: uma análise transviada da política de Alas LGBT no Sistema Prisional de Minas Gerais**. Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Psicologia). UFMG.
- ODA, Ana Maria; DALGALARRONDO, Paulo. 2000. **Juliano Moreira: um psiquiatra negro frente ao racismo científico**. Rev Bras Psiquiatr. v.22. n.4. pp.178-9.
- ROHDEN, Fabíola. 2008. **O império dos hormônios e a construção da diferença entre os sexos**. História, Ciências, Saúde - Manuais, Rio de Janeiro, v.15, supl., p.133-152.
- TREVISAN, João Silvério. 2000. **Devassos no paraíso: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. Rio de Janeiro: Record.
- VACARO, Juliana. 2011. **A construção do Moderno e da Loucura:**

Mulheres no Sanatório Pinel de Pirituba (1929-1944). Mestrado (Programa de Pós-Graduação em História Social). Universidade de São Paulo.

ZAMBONI, Jésio. 2018. **A bicha na emergência da homossexualidade cultural**: Peter Fry e o que o inglês não viu. *Psicologia & Sociedade*, vol. 30, ISSN: 0102-7182.



3 . EU - DEMÔNIA : ENTRE CEN - SURAS E TERAPÊUTICAS

Eudemônia, da história que vou contar nessa sessão, é uma personagem escrita por Cassandra Rios. pra contar a história de uma, vou também falar um pouco da outra. seu legado é denso, instigante, e merece ser apresentado!

Cassandra Rios entrou pra história desse país pela reverberação da sua extensa obra literária, com mais de 50 publicações ao longo da vida. não dá pra saber exatamente quantos romances ela escreveu, por causa da censura e do apagamento desses registros. muitos dos seus livros circulavam graças a editoras clandestinas! na sua época, Cassandra alcançou uma popularidade extraordinária: na década de 1970 chegou a ser considerada a escritora mais vendida no Brasil e foi a primeira mulher a alcançar a marca de um milhão de cópias distribuídas no país!

em 1932, ela nasceu Odette, filha de imigrantes espanhóis. estudou em colégio de freiras. ainda jovem, estudante secundarista, a escrita como ferramenta de expressão de si encontra lugar em sua vida, incentivada por uma professora de português. a garota escrevia contos, crônicas e poesias, e participava de concursos literários de jornais e revistas. aos 16 anos, publica seu primeiro livro com o apoio financeiro da mãe. para preservar sua identidade e conseguir passar pelo juizado de menores, adota o pseudônimo de Cassandra Rios.

seu romance inaugural se chama "A volúpia do pecado" (1948) e conta a história da relação entre duas adolescentes, experimentando a sexualidade e conhecendo o corpo. pensando no tema desse dossiê, a

análise da patologização das vidas LGBTQIA+, é interessante notar como um livro escrito por uma adolescente, sobre os enigmas e prazeres da carne, escancara questões que a medicina da época também estava tentando lidar: as personagens estão em busca de uma resposta que as ajudasse a entender o surgimento do afeto e da paixão entre duas mulheres, como se essa sexualidade não fosse algo natural. no romance, elas recorrem a manuais médicos, dicionários e também a um psiquiatra em busca de algum sentido praquela experiência.

as discussões no campo da medicina, como ouvimos nas últimas sessões, interferem nas políticas públicas, na urbanização, na organização da vida nas cidades. é o tempo da Higiene, da limpeza eugenista, da conscientização sanitária no país. como muitos médicos acreditavam que as práticas homoeróticas eram produto da degeneração do humano, ou então um mal funcionamento endocrinológico, ela deveria ser prevenida, ou pelo menos tratada. na década de 1930, o homossexualismo era mais um problema social a ser resolvido pela medicina.

somado a isso, em um contexto de contaminação nazifascista e clima autoritário do Estado Novo no Brasil, começam a se fortalecer práticas de repressão legal contra homossexuais, apoiadas pelo saber médico-psiquiátrico. ainda que ser viado nunca tenha sido um crime, foram criados diversos dispositivos de punição para os dissidentes do gênero e sexualidade, como por exemplo a internação em hospitais psiquiátricos ou manicômios judiciais. além disso, em parceria com o Estado, a medicina incentivou práticas educativas nos ambientes escolares, reiterando as condutas morais, "normais", cristãs, brancas e heterossexuais, civilizatórias. desse modo, com o aval das ciências psi, a infância também constitui um campo político de intervenção, pois era preciso a formação de indivíduos sadios desde a pré-escola, quando a criança está desenvolvendo sua personalidade e qualquer desvio pode se tornar irreversível.

essas eram as estratégias da higiene mental, que apostam no enclausuramento e na pedagogia moral como terapêuticas. é nesse contexto que se passa a história de Eudemônia, lançada em 1949.

Das cinzas de um inferno surgia uma mulher.

No rastro dos seus passos se marcava uma história.

O drama de uma vida tão cheia de mistérios, de uma mulher com tão provocantes formas que tornaria uma

lenda o encanto com que ela fôsse descrita.

Satânica e altiva, como se trouxesse no olhar um poder místico de coisas hediondas e no porte tôda uma atração que se excedia para excitar todos os que a prendessem sôbre o olhar cubiçoso.

o livro narra a história de Eudemônia Forbes, única filha de um milionário, uma mulher muito sedutora que vive seu poder e sua sexualidade de maneira livre pelas ruas de São Paulo. o romance se passa durante o tempo de internação da protagonista em um manicômio. ela está privada da sua liberdade, respondendo à justiça por uma tentativa de homicídio. é a partir do que ela produz em transferência, nas sessões com os psiquiatras, que conhecemos cenas da sua adolescência e os caminhos que a levaram a estar naquela posição, hospitalizada.

Era ela, uma lésbica. Uma homossexual com sérios distúrbios mentais.

E diante de todos os diagnósticos apresentados, ela continuava sendo uma criminosa que deveria cumprir sua sentença.

A atenuante permanecia em dúvida. Após tanto tempo no hospital, viria agora outra prisão, mais humilhante ainda, pois que ela sabia perfeitamente não estar louca. Estivera sim, alucinada pelo ciúme.

na história de Eudemônia, ela foi apresentada como uma mulher instável, agressiva e louca, desde o começo. relendo o texto para escrever esse trabalho, me pareceu como um meio do caminho entre a história do Amaro e do Febrônio. assim como no primeiro, o grande crime cometido pela protagonista foi, misturado às práticas homoeróticas, os ciúmes exagerado, a personalidade passional, intempestiva. em comum com o segundo, temos a repetição do recurso acionado pelo advogado de defesa em conectar homossexualidade e loucura visando escapar da "responsabilização" penal e condenação a um presídio comum. Eudemônia teve que ficar um ano internada no hospital psiquiátrico, em observação, para que os psiquiatras decidissem como se reportariam ao juiz a respeito do seu estado mental. a partir dessa narrativa ficcional, Cassandra Rios ilustra como o higienismo da época funcionava em colaboração com a lei, a partir do discurso, da descrição de comportamentos e afetos que colocariam em risco a ordem social e o progresso da civilização.

enquanto ainda está internada, o pai de Eudemônia morre. a garota fica muito mal, acredita que a culpa foi sua, que o pai

morrera por causa do desgosto em ver a filha naquela situação. nas conversas com os médicos, eles indicam que a homossexualidade seria a grande causa dos seus distúrbios e da agressividade.

um dia, Eudemônia foge do hospital para confrontar Mila, a amante que tentou matar depois de suspeitar de uma traição. quando o dr. Jasper, seu psiquiatra, a encontra e tenta buscá-la, ela questiona a legitimidade da sua internação em um manicômio.

Suas teorias não valem para nada assim como também de nada serviram as teorias e os estudos de tantos outros amantes da psicologia. Vocês tiram cobaias em observação? Digo, criaturas assim como eu? Onde estão elas? Aprenderam a amar ao homem e a desprezar a fragilidade, a meiguice e um belo corpo de mulher?

- senhorita Eudemônia, todos aqueles que quiseram libertar-se do instinto pervertido, foram bem sucedidos em nossas clínicas. Tornaram-se criaturas normais e muitos desde hoje têm seu lar e até filhos. [...] não existe diferença nenhuma entre a senhorita e uma outra lésbica qualquer. Meu dever, como médico, perante uma criatura na sua situação é o de tê-la em observação, cumpro com o que a lei exige e com o que seu pai me pediu, antes de agravar-se o seu estado. Ele morreu infeliz por pensar que a geração dos Forbes iria terminar em suas mãos. A última, de uma família tradicional...

[...]

Tenho vinte e oito anos, doutor Jasper. Se pretende realmente suggestionar-me, ou persuadir-me, asseguro-o de que não o conseguirá, se pretende hipnotizar-me fazendo-me crer que sou uma mulher influenciada pelas convenções sociais relativas ao sexo, tenha certeza que não o conseguirá e que a terapêutica electrotérmica e a psicanalítica redundarão em uma tragédia. Se espera que eu mude por vontade própria, morrerei naquele quarto de onde fugi hoje, velha e sem ter vivido, esta vida que poderia ser a mais bela das quimeras. Vamos doutor, não se preocupe mais comigo. O senhor leva para o hospital um corpo sem-alma. Está em suas mãos a minha sentença. Assine o diagnóstico e eu irei para o presídio, porém, dentro de um ano estarei completamente livre.

de volta ao hospital, na tentativa de caminhar com o tratamento de Eudemônia, uma nova médica é convocada para acompanhar o caso. antes mesmo de conhecê-la, Eudemônia é fisgada pela voz da doutora: cálida e macia como uma nota musical.

Por um segundo Eudemônia pensou que fôsse sofrer um espasmo, tal a excitação que lhe provocou aquele timbre de voz. Então acreditou que estivesse realmente louca. Como poderia justificar tal sensação que a arrepiou dos pés à cabeça, fazendo-a estremecer quase que num êxtase divino. Ouviu a porta bater e voltou-se rápida como se pretendesse ver a dona daquela voz, porém já era tarde, eles já haviam se retirado. Correu para a porta. Abriu-a. Fechou-a novamente num gesto rápido, apertando a maçaneta e amparando-se na porta, completamente transtornada.

Que se impressionasse com o timbre daquela voz, não seria nada de sobrenatural, porém excitar-se àquele extremo, era realmente inconcebível.

Não podia se conformar com aquela suposição que fortalecia a dúvida horrível da qual vinha fugindo há meses.

Seria, como diziam, uma louca?

subversiva demais: sobre sedução e suplício

a literatura de Cassandra Rios sempre se pretendeu ambígua, paradoxal. é ao mesmo tempo odiada e celebrada, "a mais proibida" e a *best seller*. ainda que retrate temáticas consideradas polêmicas pela moral vigente, como a homossexualidade, incesto, uso de drogas, prostituição, pedofilia, religiosidades, suas obras também estavam poluídas pelos discursos hegemônicos da época.

entre feministas e conservadores, grupos de esquerda e críticos literários, nunca houve consenso sobre a qualidade da sua obra. pra mim, nisso reside a genialidade da autora. o seu interesse não era apenas comentar sobre temas delicados para as convenções sociais, mas colocá-las sob suspeita, numa conversa com a psicanálise muito mais rica do que a que os próprios psiquiatras faziam à época. ela abre questões. tira o conforto do leitor acostumado com a moralidade burguesa.

na visão de muitos críticos, Cassandra não produzia literatura, apenas registrava a sua própria vida nos livros. em uma das suas autobiografias, Cassandra se apresenta como uma pessoa incapaz de sobreviver sem estar mergulhada na escrita. ela chegou a declarar que a escrita vinha pra ela como as águas que correm pelos rios, de maneira abrupta e repentina. fica difícil, assim, separar sua vida da sua obra. por esse motivo, em várias ocasiões, foi interrogada, censurada, e teve que prestar depoimentos na delegacia. em uma dessas

investigações, o policial queria que ela delatasse quem era uma de suas personagens. Rios comenta que era inútil explicar que tudo era fruto de sua imaginação. parecido com muitas personagens, Cassandra também foi perseguida, criminalizada e patologizada.

seu projeto estético também foi algo que rendeu muitas críticas. pra ela, o importante era que suas histórias fossem lidas. por causa da maneira simples, pouco refinada, que construiu a linguagem dos seus textos, sua obra recebe um rótulo negativo. além disso, por ir direto ao ponto da sexualidade em suas histórias, foi considerada pornográfica e figurou na lista de livros excomungados pela Igreja, sendo inclusive processada pelo estado de São Paulo.

muito esperta, ela usa a fama de "maldita" como propaganda, aproveitando da mística que circulava no imaginário popular sobre os seus textos proibidos. atinge uma grande notoriedade, estava na boca do povo, e talvez por isso a crítica especializada se recusava a ler sua obra. eles consideravam que ela focava em questões pouco nobres, além de apostar em um estrutura pouco complexa. nada de novo: apenas a elite cultural querendo se diferenciar da massa.

depois de algumas sessões com a nova médica, a doutora Méltzia da voz macia, Eudemônia está completamente apaixonada. aos poucos, tenta seduzi-la contando histórias dos seus encontros eróticos da juventude com outras mulheres. enquanto a relação das duas se desenvolve, é possível perceber uma mudança no posicionamento da psiquiatra a respeito do estatuto patológico da homossexualidade, chegando, inclusive, a questionar os colegas sobre o curso do tratamento:

- Acontece que ninguém vai transformar Eudemônia. Sua vida já foi traçada. Seu destino está se cumprindo, não julgo direito que a convertamos em uma bissexual. Seria monstruoso diante dos princípios que provavelmente ela se firma. Pode existir moral em sua perversão. O amor dessa espécie para ela é belo e puro, embora suas ações e personalidade irreverente, sua imponência e superioridade, o sentimentalismo de Eudemônia procura o eco das coisas frágeis e delicadas. Nelas encontra o encanto do amor materno, fraternal, toda espécie de amor que na infância lhe negaram. Se tiver que mudar, somente ela poderá resolver. Sua inteligência e noção de raciocínio lhe darão as respostas que ela procura. Seríamos logrados se tentássemos converter um pinheiro em uma cerejeira... e são árvores...

o apaixonamento recíproco da médica por Eudemônia coroa a subversão proposta por Cassandra Rios no romance. o saber médico, que deveria tratar e curar, é seduzido pelo lesbianismo. a partir destas criações ficcionais, a literatura de Rios ao mesmo tempo se consolida como uma afronta e conquista o grande público, gerando incômodo para os guardiões da moral e dos bons costumes.

entre as décadas de 1950 e 1980, as produções artísticas que questionassem a ordem poderiam ser censuradas, uma vez que eram consideradas nocivas para a civilização e má influência para a juventude. o livro Eudemônia foi a primeira obra de Cassandra a ser proibida no país e rendeu 16 processos contra a autora. a peça teatral inspirada no livro também foi perseguida e não conseguiu ficar em exibição por muito tempo. o principal argumento era de que os textos atentavam contra a instituição da família e promoviam a destruição dos padrões morais vigentes na sociedade, colocando em risco o progresso da nação.

o fedor fascista já se impregnava há algumas décadas por aqui, sustentado por uma elite herdeira da colonização e abusadora do trabalho das pessoas escravizadas. o discurso científico hegemônico bebia das teorizações sobre a eugenia e ajudava a legitimar a segregação e a violência contra as pessoas negras e demais desviantes das normas. fica evidente que o preconceito é um fenômeno que estrutura as instituições desse país desde antes da ditadura civil-militar.

a gente sabe que as datas para começo e final da ditadura são marcos didáticos: nem antes de 1964 e nem depois de 1985 vivemos uma democracia. além disso, as forças armadas tentaram preservar um semblante democrático, fazer a linha legalista, agindo a partir de normativas e atos administrativos. mesmo assim, precisamos chamar o período em que tivemos militares no Executivo pelo seu nome: um Golpe de Estado. a tomada do poder foi planejada por militares de alta patente, mas contou com amplo apoio da igreja católica, do empresariado, dos latifundiários e do governo dos Estados Unidos.

a grande paranoia que justificou o Golpe girava em torno do risco comunista e da chamada "revolução dos costumes". muito influenciados pelos norte-americanos, o fantasma do comunismo assombrava o imaginário popular brasileiro e, junto a essa ideia se agregaram vários modos de vida que representariam

riscos aos bons costumes.

os primeiros anos depois do Golpe foram de intensa repressão às esquerdas. em 1968, foi baixado o Ato Institucional nº5, o AI-5, como uma resposta às movimentações de resistência ao regime. fica instaurado o clima de medo, cassação de direitos e violência policial. nesse momento, a articulação fica difícil, ainda mais perseguida. isso afetou as possibilidades de reagir politicamente ao que estava acontecendo.

em 1969, acontece a Revolta de Stonewall em Nova Iorque, nos Estados Unidos. foi uma noite de contra ataque em que mulheres trans, bixas e sapatonas cansadas de apanhar dos policiais, reagiram. ainda que não tenha sido a primeira ou a mais bem sucedida insurreição de pessoas LGBTQIA+ contra o sistema, ela se tornou um marco na história dos movimentos sociais pela diversidade de gênero e sexualidade. quando essas notícias chegam no Brasil, começam a pipocar faíscas. mas ainda era inimaginável algo com esse nível de organização política. essa foi a época das prisões arbitrárias, desaparecimentos, execuções sumárias. com a repressão sexual e a ordem moral enfiadas goela abaixo, muitas das nossas custavam a imaginar saídas, novos modos de vida, formas de expressar os afetos. havia um pânico e uma paranoia entre muitas pessoas que passaram a se esconder no fundo dos armários.

com o período da ditadura, os moralistas e conservadores encontraram meios para agir com legitimidade, cada vez com menos discricção. acreditam que o país está vivendo uma crise moral: culpam a corrupção, o populismo, as drogas e o rock and roll. por isso, era preciso "educar" a sociedade. a partir da censura do cinema, da tv, teatro, música e literatura, promovendo campanhas e propagandas, tentavam mostrar como deveria ser uma sociedade. nas escolas, as disciplinas de "educação moral e cívica" tornam-se obrigatórias. a juventude, que estaria sujeita a todo tipo de influência, deveria ser vigiada e corrigida.

a Escola Superior de Guerra (ESG) ostenta estudantes e professores que produziam conhecimento ideológico com enfoque nos assuntos morais que o regime queria controlar. as publicações nas revistas militares da época revelam a visão patologizante sobre as sexualidades divergentes e também apresentam as teorias de infiltração comunista que embasavam as ações e perseguições do governo. eles culpavam os comunistas pelo de-

sastre cultural, religioso, sexual e de saúde pública entre os jovens brasileiros. além disso, a linha de pensamento hegemônica posicionava a homossexualidade junto de uma rede de práticas desviantes, como se estivessem relacionadas entre si, criando compulsoriamente conexões entre pedofilia, prostituição e sujeitos homossexuais. está aí a subversão a ser combatida, a grande ameaça à segurança nacional.

discursos psicológicos circulavam nos fóruns da ESG e apoiavam essas teorias militares. a psicóloga Noemy Rudolfer, por exemplo, fez conferências e publicou pesquisas sobre a crise da adolescência moderna causada pelos desvios morais e sexuais da sociedade. o ano era 1965 e ela culpava a homossexualidade pelo declínio do estado moral do país, exigindo uma profilaxia social que prevenisse essa "desintegração de personalidade".

dentre as práticas de censura, o governo produzia dossiês sobre pessoas tidas como inimigas do regime. juntavam informações íntimas, a respeito das redes de afeto e trabalho, e agiam a partir de técnicas de inculpação, inventando acusações de pederastia, entre outras culpas morais.

a partir da metade da década de 1970, aconteceu uma abertura lenta e gradual. com a transformação do cenário político, criam-se condições para a reorganização das oposições. para os dispositivos de censura, a homossexualidade era considerada uma ameaça subversiva. para muitos grupos da esquerda, as questões de gênero e sexualidade também eram vistas a partir de noções moralistas, homofóbicas, machistas e transfóbicas. ainda que sejam limitações de ordens muito diferentes, principalmente por causa do poder de repressão do Estado, as contribuições das feministas, pessoas negras, indígenas e LGBT eram consideradas de outra ordem, minorizada. assim, o clima de medo ainda impera, mas pessoas trans, gays e lésbicas começam a se aprontar pra resistência coletiva. teria que ser nós por nós.

como comentei acima, dos paradoxos de Cassandra, é importante localizar também que mesmo com as perseguições da ditadura militar, no cotidiano, muita coisa acontecia. bem no começo do regime de exceção, nos grandes centros urbanos surgem boates e casas noturnas que transformam a cena da sociabilidade LGBTQIA+ no Brasil.

ao longo da década de 1970 tivemos presença forte das temáti-

cas de gênero e sexualidade nas apresentações artísticas de Ney Matogrosso, Dzi Croquettes, nos shows performáticos das travestis... tudo isso acontecia em espaços mais ou menos públicos nas cidades do Rio e São Paulo. também nessa década, a hormonização começa a se tornar uma possibilidade tanto para mulheres cis como para as mulheres trans, que passam a ter alguma autonomia para a construção do seu corpo, gênero, e experimentação da vida sexual.

à medida que gays e lésbicas de classe média conseguem ter acesso a espaços de socialização, eles se colocam contra a organização política enquanto grupo identitário. "temos bares, boates, restaurantes, saunas... posso viajar no final de semana com meu pequete e curtir a vida noturna com minhas amigas... não preciso imaginar nada melhor do que isso!" o final da década, porém, expôs o terror da perseguição às travestis e transexuais.

o viés da criminalização do gênero sempre esteve associado ao da patologização na medida em que são efeitos do discurso científico. ao mesmo tempo que legitima a norma, propõe correções ao desvio: matando, prendendo ou tratando. os últimos anos do regime militar trouxeram a repressão judicial contra a população LGBTQIA+, especialmente contra as bixas e travestis negras e trabalhadoras sexuais.

assim como no começo do século, nossas pessoas foram raptadas das ruas pelos agentes da segurança pública para serem submetidas a estudos criminológicos e estatísticos. eram feitas rondas com prisões arbitrárias, esquemas e operações policiais cujo objetivo era tocar o terror contra as travestis. por mais que eu não acredite que valha a pena dar palco para os responsáveis por essa barbárie, é preciso que seus nomes estejam publicados. é preciso lembrar para que não se repita.

em São Paulo, estiveram à frente das perseguições a travestis os delegados Guido Fonseca e José Wilson Richetti. estima-se que entre dezembro de 1976 e julho de 1977, mais de 450 travestis passaram pelos interrogatórios. mas não são só eles que produziram sobre essa época. muito recentemente, em 2012, foi instituída a Comissão Nacional da Verdade para apurar as violências dessa época. isso incentivou o desenvolvimento de pesquisas e também o resgate das biografias das mulheres que sobreviveram e resistem até os dias de hoje. fica aqui a indicação do texto da Céu Cavalcanti, Roberta Barbosa e Paulo

Bicalho sobre a operação Tarântula que aconteceu em São Paulo, em 1987, e traz efeitos para a socialização travesti no ambiente urbano até os dias de hoje.

durante a ditadura, os argumentos jurídicos foram muito usados para combater a homossexualidade. Júlia Vidal, minha amiga e pesquisadora do campo das normas de gênero e das leis, identifica um conjunto de políticas sexuais materializadas pela imprensa e pelas tipificações utilizadas pela força policial: combate à vadiagem, pedofilia e corrupção de menores, importunação ofensiva ao pudor... o trabalho de repressão se baseava no discurso de prevenção à criminalidade, com alvos já pre-estabelecidos. a perseguição chegou a um nível tão explícito que em São Paulo foi baixada uma portaria que "determinava a prisão em flagrante de travestis encontrados [sic] em via pública, e solicitava que fossem fotografados em seus trajés femininos" para proceder a avaliação de sua periculosidade. com a letra da lei dava-se um jeitinho para punir e prender as experiências dissidentes de gênero e sexualidade.

com a chegada da epidemia de HIV na década de 1980, as autoridades brasileiras se apropriam com criatividade do artigo 30 do Código Penal de 1940, que determina como crime a prática de expor alguém a contágio de moléstia por meio de relações sexuais ou outro ato libidinoso. a partir disso, Júlia identifica um duplo movimento de criminalização das experiências das travestilidades: ao mesmo tempo que eram compulsoriamente associadas com o HIV e outras infecções sexualmente transmissíveis, era igualmente previsível a prática criminosa de exposição e contágio de alguém. ou seja, para os agentes da segurança pública, mesmo sem comprovação do delito, caso se tratasse de uma travesti, seria apenas uma questão de tempo até que ela consumasse algum ato ilícito. logo, ele prendia a boneca como política de prevenção à criminalidade.

é também nessa época que acontece uma virada importante: as identidades tornam-se politizadas. se antes as nomeações eram muito mais sobre diagnósticos e tipificações penais, aos poucos os movimentos sociais se apropriam desses descritores para se posicionarem publicamente na arena política em busca de direitos básicos, como cidadania. o movimento gay, como era chamado, junto do movimento negro, indígena e das feministas, se organiza para disputar o discurso hegemônico, tenuamente alinhados nas lutas pelo reconhecimento e pela democracia.

os muitos anos da ditadura no Brasil agravaram o trauma que vivemos há tantos séculos. é importante que mais trabalhos busquem resgatar as memórias sobre esse regime, na tentativa de perlaborar as marcas deixadas por tantas práticas de perseguição. afinal, as pessoas LGBTQIA+ continuam sendo alvo do discurso moralizador e do conservadorismo na política. os efeitos causados pelo deslizamento entre homossexualidade, comunismo, desordem e oposição consolidaram uma visão repressiva sobre as nossas que permanece no imaginário social.

por fim, ainda que fosse publicamente demonizada, a homossexualidade não chegou a ser a razão principal para as prisões, torturas e abusos. o regime perseguiu as pessoas dissidentes de gênero e sexualidade em meio a um projeto de instauração do pânico e da ansiedade generalizada. as forças de repressão viam na homossexualidade um componente de um complô mais amplo, de um plano comunista para subversão dos valores morais. como se fosse algo calculado para destruir o Brasil.

terapêuticas entre a moral, a religião e a ciência

Frente a frente as duas se fitaram. Eudemônia estendeu as mãos e quis prendê-la. Méltzia, entretanto, desviou para o canto do quarto e suplicou, revelando-se medrosa e estranha para consigo mesma:

- Não se aproxime, Eudemônia... não se atreva...

O quarto estava fracamente iluminado por uma luz central azulada que refletia no rosto das duas numa côr pálida e difusa.

Eudemônia deu um passo em sua direção e parou para olhar pela janela entreaberta que dava para o pátio. Um clarão de relâmpagos que se arrebetavam em profusão se fizera e logo em seguida forte chuva desabava.

Eudemônia continuava a aproximar-se dela enviando lampejos sinistros com o olhar fito naquele rosto que se contraía em expressões reveladoras.

Eudemônia parou poucos passos distante e ficou em silêncio olhando-a fixamente. O coração pulsava forte e seus lábios estiravam-se trêmulos, querendo emitir sussurros que não significavam nada. As mãos geladas se contraíam enterrando as unhas na carne. Ela tôda vibrava descontroladamente.

Méltzia ficou admirando-a sem conseguir concentrar-se em nada que não fôsse o olhar de Eudemônia. Não se controlava mais e não podia sufocar a estranha sensação que a impelia para a frente, ao encontro daquela mulher, tal como poderoso ímã atraía imperiosamente

- Eu a amo...

Eudemônia colheu-a entre os braços ao mesmo tempo que repetia o rebelador conflito que se decifrara naquelas palavras.

Méltsia entregava-se àquele abraço e se apertava mais contra ela como se dentro dos seus braços estivesse se escondendo de si própria.

[...]

e então temos cinco páginas da descrição de uma belíssima cena de entrega sexual entre as duas... a pegação aconteceu nas dependências da médica, que também residia no edifício do hospital psiquiátrico.

na manhã seguinte, Méltsia vai embora e não volta mais.

não conseguiu contornar o apaixonamento pela paciente.

frustrada com toda a situação, naquele mesmo dia Eudemônia aceita a sedução do dr. Kermam, um dos psiquiatras da instituição que foi visitá-la em seu quarto.

Pois ali estava o substituto de Méltsia. O homem que a doutora deixara em seu lugar. Pensaria também que conseguiria assim livrar-se dela? Que se apaixonara pelo doutor da mesma maneira que se apaixonara por ela?

Pois haveria de aceitar aquela troca sem nem mesmo completar o plano que a iniciativa a perpetrar uma vingança.

o tema do ciúmes, da traição e da vingança perpassa a história libidinal de Eudemônia e é uma marca recorrente na relação que estabelece com as mulheres desde jovem. ao repetir ali, mais uma vez, uma escolha impulsiva sobre o sexo, Eudemônia engravida. é através de um ato considerado indecente pela sociedade que a terapêutica heterossexualizante se concretiza. é incrível como Eudemônia consegue ultrapassar tantas barreiras morais e, ainda assim, manter outras intocadas.

a importância do Nome, família, linhagem, são preceitos burgueses que ela não abre mão. por isso, para que a criança tenha o nome do pai no registro, ela se casa com o psiquiatra.

com a história de Eudemônia é possível encarar a hipocrisia da moralidade cristã sobre a sexualidade. a separação ética entre paciente e médico pode ter sido abandonada, mas, de um

jeito ou de outro, eles conseguiram que Eudemônia se submetesse a uma heterossexualização da sua vida e isso parece ser o mais importante para o judiciário, que aceita sua alta da instituição depois de um ano internada.

enquanto esteve hospitalizada no manicômio, ela passa por vários tratamentos físicos e psicológicos, como eletrochoques, medicação sedativa e banhos. a conexão direta feita entre homossexualidade, ciúmes e loucura é o pano de fundo da história. a dúvida a respeito da possibilidade de um tratamento para o desvio aparece no discurso dos médicos, que ora acreditam ser improvável mudar o desejo de alguém, ora apostam na erotização pelo "outro" sexo como procedimento terapêutico.

um ponto importante que pode ser destacado a partir da história de Eudemônia é o tratamento dispensado às pessoas consideradas mulheres nos hospitais psiquiátricos. a lógica do funcionamento prisional, manicomial, é genericada, já nos dizia Angela Davis. no período em que a história se passa, a sociedade brasileira fervilhava com questões de gênero e as ciências biomédicas tentavam responder regulando os papéis sociais dos homens e das mulheres, patologizando a sexualidade feminina, numa tentativa de circunscrever um modo de vida moralmente aceitável.

como vimos nas últimas histórias, a criação dos hospitais psiquiátricos é recente no tempo. até os séculos XVIII e XIX, as pessoas consideradas "loucas" eram cuidadas pela comunidade familiar, local. a criação das casas de correção e dos asilos fez parte do projeto moderno de organização das cidades. a crença era de que somente o isolamento permitiria a intervenção médica. aos poucos, esses espaços passam a receber todos os indesejados da sociedade, sob o estigma da loucura. ali seria o ambiente perfeito para desenvolver a dinâmica entre médico e paciente, pois seria um lugar controlado.

depois de muitos anos desenvolvendo técnicas de intervenção e, por que não, tortura, os cientistas percebem que não era possível encontrar em definitivo as bases corporais para os distúrbios mentais. os diagnósticos estabelecidos pelos médicos, as classificações de doenças mentais, estão intimamente ligados ao poder e ao discurso hegemônico da época. nesse momento, a ordenação social era pautada pela obsessão binarista, heterossexual e construção da diferença entre homens e

mulheres. a percepção médica sobre o corpo e a sexualidade é afetada por isso, que também determina os rumos do tratamento e inclusive as medidas profiláticas.

a escolha em larga escala das psicocirurgias nos manicômios do país materializam esse argumento: das mais de 700 cirurgias realizadas apenas no Hospital Psiquiátrico de Juquery, até 1949, praticamente todas foram feitas em mulheres. por que será?

a história da loucura é inseparável das questões raciais e de gênero. a criação dos binários razão x emoção e animal x humano, por exemplo, explicitamente situam as mulheres, especialmente as mulheres negras, no campo da irracionalidade, do silêncio, da natureza.

pesquisas feitas a partir dos prontuários da época identificam como as patologias e tratamentos eram diferentes entre homens e mulheres. essa fato orienta uma análise no sentido de compreender as doenças como construtos, e não como entidades naturais, puramente biológicas. nessa linha de raciocínio, também podemos localizar as práticas de cura nos contextos históricos, políticos e sociais que foram desenvolvidas.

no Brasil, desde sempre o modelo de assistência médica psiquiátrica é centrado em hospitais com características asilares. durante o período da ditadura civil-militar, apoiada por empresários, latifundiários, elite e classe média, acontece uma expansão desse modelo por meio de uma rede hospitalar psiquiátrica privada. desse modo, a partir da década de 1960, a saúde vai sendo mercantilizada com recursos previdenciários. o setor privado, com sua força política, prioriza o modelo asilar, enquanto as orientações da psiquiatria da época tentavam seguir uma lógica mais preventivista, de ação global com intervenções comunitárias e educativas. os campos da psicologia e da psicanálises se consolidam como saberes e práticas fundamentais para o desenvolvimento desse discurso da pedagogia, prevenção e intervenção na infância.

escrita em 1956, a tese da psicanalista e psiquiatra Iracy Doyle sobre a homossexualidade feminina é considerada um dos primeiros trabalhos realizados sobre esse tema. ter sido elaborado por uma mulher também é algo inusitado. a médica atribui à homossexualidade a noção de "problema", mas, seguindo os passos de Freud, apresenta a inversão sexual feminina como

uma saída possível para as mulheres. ela pontua que a maneira como é feita a atribuição dos papéis sociais na nossa sociedade coloca as mulheres em condições subalternas, de esposas e mães, e que a escolha homossexual seria uma alternativa para a emancipação daquele sujeito. até aí... bacana! a pena é que ela continua apostando na heterossexualidade como uma saída mais legítima. acredita que, caso as construções culturais a respeito da divisão dos papéis não seja feita de maneira tão hierárquica, a escolha pela inversão não seria necessária, e a heterossexualidade, garantida.

as pessoas identificadas como homossexuais eram consideradas pelo regime como inimigas que colocavam em risco a segurança nacional. os meios de comunicação em massa são grandes aliados da psiquiatria preventiva, que se expande no imaginário social e consegue penetrar cada vez mais as relações interpessoais.

os aspectos clínico e patológico da vivência envidescida eram reiterados pelos médicos em suas pesquisas e falas públicas. com a forte influência da psicanálise, a infância e as relações com os pais passa a ser fortemente vigiada, a partir da criação de hipóteses para as causas da homossexualidade na maneira mais ou menos afetuosa que uma mãe cuida de seu filho. é nesse momento que aquela bobeirada de cores específicas, brinquedos específicos, roupas específicas, azul ou rosa, de menino ou menina, é implementada, com regojizo do capitalismo pelas vendas duplicadas de itens de consumo.

será que Eudemônia teria feito um chá de bebê? ela era uma pessoa que confrontava alguns aspectos da norma enquanto mantinha outros... ainda que ela não nutrisse sentimentos pelo Dr. Kermam, ele se apaixonou pela paciente.

- Dr. Jasper, eu amo Eudemônia. Amo-a sem ilusões, amo-a para minha infelicidade.

O outro médico voltou-se para êle e pousou a mão em seu ombro. Seu rosto contraía-se numa expressão en-simesmada. Estalou os lábios e ponderou também preocupado:

- Reconheço a inutilidade dêsse afeto. Existe no coração de Eudemônia alguém que eu temo reconhecer. Ela não foi feita para o homem, Kermam, como tudo que é estranho e insondável, ela permanecerá distante de nós, sem que alcancemos o triunfo de transformá-la no que deveria ser. Já nem posso acreditar que o lo-grássemos se a tivéssemos aqui quando ainda criança

como sempre julguei. Ela vem de longe, de uma idéia forjada há séculos passados, desenrolando confusões para que compreendamos que nem todos os mistérios serão resolvidos pela astúcia do homem e nem todos os corações dominados por nós. Lembro-me da última frase da dra. Méltzia e reconheço quanta verdade há em suas palavras: "Eudemônia é como uma diabólica mensageira de Satã, dos mistérios de amor que deverão permanecer indevassáveis". Ela a compreendeu melhor do que nós todos e por isso foi embora, para não se debater em pesquisas que só prejudicariam Eudemônia...

perto de receber alta do hospital, Eudemônia descobre que a doutora havia lhe mandado várias cartas, que foram extravaiadas. assim que encontra uma oportunidade, ela sai em busca da sua amada.

acho muito interessante a maneira como Cassandra Rios constrói a subversão da lógica médica, que deveria curar o desvio, mas acaba seduzida por ele. em vários momentos, Eudemônia confronta os médicos. ela sabia que estavam enganados por considerá-la uma perversa. ao longo do livro, são empreendidas tentativas cruéis de intervenção, com o fim de reverter sua sexualidade, em nome de um padrão social. logo antes de morrer, o pai da Eudemônia, um milionário muito influente, pressiona o judiciário e os psiquiatras para que encontrassem uma maneira de ela ter filhos e dar continuidade à família Forbes. o dinheiro e a moralidade, mais uma vez, caminhando juntos.

falando em autoridade e influência, chegou o momento de comentarmos um pouco sobre os "fósseis" do campo psi: a religiosidade cristã.

a história da psiquiatria, da psicologia, psicanálise, dos manicômios e asilos, é herdeira de uma prática religiosa de cuidado, confissão e gestão política da moralidade. ainda que aconteça uma mudança no campo semântico com o fortalecimento das ciências, a cosmologia mítica, religiosa, continua influente. principalmente porque quem faz a ciência, são pessoas. e, falando de Brasil, é praticamente impossível nascer aqui e não ser afetado pelo discurso cristão. podemos pensar então numa serialidade lógica, muitas vezes irrefletida, entre esses campos. isso traz efeitos, como a perseguição às dissidências de gênero e sexualidade, o racismo que desumaniza pessoas negras e indígenas, além da regulação da vida erótica das mulheres, pra citar alguns exemplos.

cada vez mais, representantes de religiões cristãs têm participado da arena pública, dentro de espaços legislativos, tentando interferir diretamente nas políticas de educação e gestão da saúde. um dos casos mais explícitos disso tem sido a tentativa de intervir em decisões da categoria e alterar regulamentações das práticas de profissionais da Psicologia.

o Conselho Federal de Psicologia (CFP) foi fundado em 1971, em meio ao regime ditatorial. as primeiras gestões assumiram uma postura mais corporativa, tentando separar as ações do Conselho da política institucional. na década de 1980, gradualmente, com o processo de abertura, o Sistema de Conselhos como um todo vai se alinhando com perspectivas de direitos humanos, em defesa da cidadania e da democracia. a aproximação do Conselho com os movimentos sociais pela livre orientação sexual não aconteceu de maneira tão imediata. lembra que comentei logo acima sobre os profissionais da psicologia contaminados por visões moralistas e heterossexuais? eles não são a exceção da categoria.

a Resolução nº01 de 1999 pode ser considerada o marco inicial das ações implementadas pelos Conselhos no campo da diversidade de gênero e sexualidade. no meio do caminho entre 1971 e 1999 aconteceram importantes decisões internacionais que possibilitaram que o debate avançasse aqui no Brasil. em 1973 e 1974, a homossexualidade deixa de ser considerada uma patologia pelas Associações estadounidenses de Psiquiatria e Psicologia, respectivamente. em 1990, com a publicação da Classificação Internacional de Doenças (CID-10), a Organização Mundial de Saúde referenda esse posicionamento. no Brasil, desde a década de 1980 pesquisadoras críticas já desenvolviam estudos sobre as homossexualidades a partir de perspectivas históricas e sociais.

a Resolução do CFP foi criada como um instrumento para impedir que profissionais da psicologia continuassem exercendo práticas de cura, reversão e conversão baseadas em crenças religiosas. no texto, ela afirma o caráter socialmente construído das práticas sexuais e proíbe a patologização da homossexualidade, seja na atividade clínica, seja fazendo falas públicas em eventos. é visível o impacto simbólico que essa normativa teve sobre os profissionais da Psicologia e na sociedade brasileira como um todo, atuando, no mínimo, como um dispositivo que mobiliza o debate sobre o tema de uma maneira séria.

a disputa pela temática do cuidado e da cidadania de pessoas LGBTQIA+ ainda está colocada. recentemente, em 2019, em nível nacional mas também aqui em Minas Gerais foram publicados dois livros que discutem a tumultuada relação entre o campo da psicologia e os direitos das pessoas dissidentes de gênero e sexualidade. o CFP lançou o material "Tentativas de Aniquilamento de Subjetividades LGBTIs", composto por um mosaico de trechos de entrevistas de pessoas que passaram por atendimentos clínicos violentos. os relatos são impactantes pois retratam muito explicitamente como os consultórios e outros espaços terapêuticos podem ser traumatizantes. é uma ilusão acreditar que a Psicologia tem a resposta para o acolhimento do sofrimento causado pela homofobia e transfobia.

também em 2019, o CRP-MG lançou o livro "Psicologia, Gênero e Diversidade Sexual: saberes em diálogo". o compilado de textos deixa registrado as discussões que aconteceram no I Congresso Mineiro de Psicologia, Gênero e Diversidade, em setembro de 2017. foram três dias de intenso debate com profissionais da categoria, pesquisadores e ativistas, e eu tive a alegria de participar da mesma mesa que uma amiga e inspiração acadêmica, viviane vergueiro.

acredito que esses posicionamentos públicos e produções bibliográficas feitas pelos Conselhos e por pesquisadores mostram que o campo de disputa continua.

ao longo da história, foram desenvolvidos diferentes tipos de tratamento para os desvios sexuais, a depender da época, da visão que tinham sobre o fenômeno e da hipótese sobre a causa desse distúrbio. além dos psicanalíticos e psicoterapêuticos, vimos que existiram propostas endocrinológicas, cirúrgicas e preventivas. no começo do século, a manipulação do que hoje chamamos de testosterona e o transplante de testículos e outras glândulas foram procedimentos comuns para reestabelecer a masculinidade em determinados corpos. já as psicocirurgias foram mais comuns em mulheres cisgênero, que também foram submetidas a intervenções nos aparelhos sexuais e reprodutivos. os procedimentos preventivos, baseados na manipulação ética e religiosa, pedagógica inclusive, foram contemporâneos de métodos mais invasivos como a injeção de água gelada no ânus e vagina. e por mais que nos pareça um grande absurdo tudo isso, esses recursos terapêuticos estavam todos embasados nas discussões científicas e na moral vigente da sua época.

é nesse sentido que Amana Mattos e Marcos Garcia propõem uma divisão didática entre terapias de reversão, que se baseiam em pressupostos científicos considerados válidos para a época em que eram praticados; e terapias de conversão, modalidades ancoradas em concepções religiosas, praticadas mesmo após a proibição pelos conselhos do campo psi. o duplo sentido de conversão cabe bem para identificar essas práticas, que buscam tanto a passagem para uma suposta heterossexualidade, como a adoção de uma nova religião. como os relatos coletados pelo CFP demonstram, ainda existem muitos profissionais da psicologia envolvidos com a disseminação de violência.

nos ambientes ditos terapêuticos, grupos religiosos praticavam torturas e promoviam exorcismos em pessoas LGBTQIA+, mas também usam estratégias mais refinadas, lançando mão de recursos discursivos do campo da solidariedade, como por exemplo nas terapias grupais e comunidades de ajuda mútua no estilo dos Alcoólicos Anônimos. liderados por pessoas que se intitulam de ex-gays, não perdem de vista que a homossexualidade seria um pecado, um aspecto da vida do sujeito que deveria ser regulado, convertido. os espaços se abrem para receber as pessoas em sofrimento, mas continuam sustentando posicionamentos éticos que perpetuam os estigmas causadores da vulnerabilização emocional.

os profissionais que se propõem a realizar esse tipo de intervenção em sujeitos dissidentes de gênero e sexualidade geralmente os consideram como fruto de uma falha ambiental. isso justifica a tentativa de correção do tratamento. pois, se as homossexualidades fossem causadas por questões genéticas ou endocrinológicas, intervenções do campo psi não teriam efeitos consideráveis. o contexto familiar é tido como principal vilão dessa história, logo, cabe à família direcionar os sujeitos para a heterossexualidade. na época da ditadura, era incentivado que as escolas discutissem sobre sexualidade, justamente para ensinar o caminho correto. curioso como isso acontece, né. se a heterossexualidade fosse tão natural assim, por que precisa de tanto incentivo, tanta aula, pra guiar as pessoas nesse caminho? em plena ditadura, período do conservadorismo escancarado no país, o tema da sexualidade é levado para o campo das infâncias e da escola.

exemplos de práticas desenvolvidas por terapias comportamentais, como vimos no relatório elaborado pelo CFP, se baseiam em técnicas de dessensibilização e condicionamento.

os profissionais interferem nas fantasias dos sujeitos ao dirigir e selecionar estímulos visuais específicos para a masturbação de cada um. também existem propostas mais aversivas, tipo as que vemos naquele filme Laranja Mecânica(1971), ao tentar associar estímulos eróticos do mesmo sexo com choques elétricos nas mãos e genitais, administração de remédios que causam náuseas.

a efetividade dessas práticas, obviamente, era muito baixa. durante a década de 1960, cada vez mais os profissionais eram criticados. a organização dos movimentos sociais também pressiona os órgãos orientadores da saúde e do campo psi. haviam muitos efeitos negativos relacionados a esse tipo de tratamento. em vez de se tornar heterossexual, as pessoas ficavam traumatizadas. aumentavam os sentimentos de culpa, ansiedade e depressão. muitas pessoas se afastavam de qualquer tipo de contato erótico ou sexual.

o Brasil importa muita teorização e propostas terapêuticas dos Estados Unidos e, durante a década de 1980, enquanto lá os órgãos de classe já questionavam a patologização das homossexualidades, aqui floresciam artigos que atribuíam status de doença às dissidências de gênero e sexualidade.

se dependesse só dos cientistas, a coisa ainda ia ser outra. é importante demais destacar a pressão que foi feita pelo fortalecimento dos movimentos sociais. nos EUA, em 1970 e 1971, ativistas bixas e sapatonas invadiram reuniões da Associação de Psiquiatria, denunciando a patologização da homossexualidade e o estigma que isso gera.

na década de 1980, com a epidemia do HIV, as terapias de conversão ganharam mais legitimidade a partir da disseminação do discurso sobre o vírus ser um castigo divino contra os homossexuais.

na virada para o século XXI, aqui no Brasil existiam pelo menos vinte grupos religiosos voltados para o exercício das terapêuticas de "cura gay". a Resolução nº1 de 1999 é promulgada pelo Conselho Federal no sentido de coibir essa prática no âmbito da psicologia. até hoje ela precisa ser acionada, pois continuam existindo organizações que difundem a patologização da diversidade sexual e de gênero.

temos acompanhado nos últimos 40 anos o fortalecimento de gru-

pos religiosos fundamentalistas que tentam interferir na democracia ainda frágil desse país. profissionais se denominando "psicólogos cristãos" buscam garantir seu suposto direito de oferecer terapias conversivas em clínicas e centros de tratamento. comunidades terapêuticas voltadas ao cuidado de toxicomaniacs que praticam torturas e abusos contra os pacientes, resgatando a lógica manicomial que parece não ter sido exorcizada das práticas e currículos.

outra herança que carregamos nas epistemologias é o racismo científico, inaugurado principalmente pelo campo da psiquiatria e da teoria da degenerescência. as diferenças raciais são colocadas no âmbito do desvio, patologizadas e criminalizadas. sob essa perspectiva, o corpo ancestral, o corpo que veio da família, carrega e transmite as doenças mentais.

a norma de gênero também constrói o dialeto do discurso científico ocidental e moderno. assim, podemos entender que o processo de patologização não é homogêneo e nem atinge a todos da mesma maneira. gênero, raça, classe e geração são marcadores sociais da diferença importantes para entendermos essas especificidades.

o tom desse dossiê tem sido o de questionar como os discursos hegemônicos balizam as possibilidades de vida de pessoas dissidentes de gênero. as instituições, a ciência, a religião, cada qual desde seu lugar, tentam circunscrever o fenômeno da sexualidade e do gênero. mesmo sendo dimensões tão únicas na história de cada sujeito, as tentativas de generalização, tipificação, classificação, patologização, criminalização, vão se atualizando e sofisticando com o passar do tempo. nesse sentido, a história da ciência é um campo de estudos muito importante. afinal, para desmoralizar os cristãos e o charlatanismo da prática de cura gay, os movimentos sociais apostam na defesa do discurso científico. embora seja um caminho estratégico, não se pode deixar de lado que são esses saberes considerados científicos que também disputam a legitimidade das nossas existências. inclusive, ainda estamos tentando negociar a despatologização das identidades trans e dos corpos das pessoas intersexo!

ao mesmo tempo, foi pela via da patologização que muito debate foi possível. quando a aposta é na criminalização, o horizonte mortífero está muito mais próximo. ainda que de maneira perversa, a perspectiva terapêutica carrega um embrião que

nos permite criar possibilidades de vida, de apropriação do próprio corpo e desejo, de gestão do cuidado e acesso a direitos. enfim, é importante superar a sacralização da ciência, sem abandonar o rigor ético das propostas de intervenção na vida em sociedade.



referências e indicações

ARAGUSUKU, Henrique; LARA, Maria Fernanda. 2019. **Uma análise histórica da resolução nº 01/99 do Conselho Federal de Psicologia: 20 anos de resistência à patologização da homossexualidade.** Psicologia: Ciência e Profissão. v.39, n.spe 3.

BARRETO, Railda; CASSOLI, Tiago. 2020. **"Eu não quero ficar no lugar das mulheres peladas, não!":** As causas das internações de mulheres no Hospital Psiquiátrico Adauto Botelho (Goiânia, Goiás). Mnemosine. v.16, n.2, p.212-230.

BESSA, Juliana. 2017. **"Deixe-me sentir":** (des)encontros entre sexualidade e o campo da Saúde Mental em periódicos brasileiros (2001-2014). Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Psicologia). Universidade Estadual Paulista.

BINKOWSKI, Gabriel. 2019. **Fósseis do Campo Psi:** sobre Conversão de Orientação Sexual e Gênero. Psicologia: Ciência e Profissão. v.39, n.spe 3.

CAVALCANTI, Céu; BARBOSA, Roberta; BICALHO, Pedro Paulo. 2018. **Os Tentáculos da Tarântula:** Abjeção e Necropolítica em Operações Policiais a Travestis no Brasil Pós-redemocratização. Psicologia: Ciência e Profissão, v. 38 (núm.esp.2.), 175-191.

CAVALCANTI, Céu; BICALHO, Pedro Paulo; SPOSITO, Sandra. 2019. **O lugar da psicologia frente às orientações sexuais e identidades de gênero.** Psicologia: Ciência e Profissão 2019 v. 39 (n.spe 3)

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. 2019. **Tentativas de Aniquilamento de Subjetividades LGBTIs.** Brasília: Conselho Federal de Psicologia.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA. 2019. **Psicologia, Gênero e Diversidade Sexual:** saberes em diálogo. Belo Horizonte, MG: CRP04.

GARCIA, Marcos; MATTOS, Amana. 2019. **"Terapias de Conversão":** Histórico da (Des)Patologização das Homossexualidades e Embates Jurídicos Contemporâneos. Psicologia: Ciência e Profissão. v.39, n.spe 3, p. 49-61.

GOMES, Jorilene. 2012. **Nem santa nem puta:** Moral e censura na

obra de Cassandra Rios (1940-1970). Monografia (Licenciatura Plena em História). Universidade Estadual da Paraíba.

GREEN, James; QUINALHA, Renan. 2014. **Ditadura e Homossexualidades**: repressão, resistência e a busca da verdade. São Carlos: EduFSCar, 330 p.

GUIMARÃES, Willian. 2017. **A criminalização moral como demarcação da abjeção**: sexualidade e expressões de gênero desviantes na injunção crime-loucura. Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional). Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

JACINTHO, Sabrina. 2019. **Estigma, Sexualidade e Saúde Mental**: reflexões sobre a trajetória de mulheres lésbicas em sofrimento psíquico. VII Seminário FESPSP - "Juventude, trabalho e profissão: desafios para o futuro no tempo presente".

MEIRELLES, Rodrigo; IANNI, Aural. 2020. **O preventivismo e os homossexuais no contexto da ditadura militar brasileira**: uma análise a partir das contribuições de Sérgio Arouca. Interface (Botucatu).

PAIVA, Vera. 2008. **A Psicologia redescobrirá a sexualidade?** Psicologia em Estudo, Maringá, v. 13, n. 4, p. 641-651.

PINHEIRO, Alessandra. 2020. **A resistência de uma escritora e os conflitos de uma personagem**: Eu sou uma lésbica, de Cassandra Rios. Revista Literatura em Debate, v. 14, n. 26, p. 91-104.

RIOS, Cassandra. 1959. **Eudemônia**. 2ª Ed. Edições Spiker.

SANTOS, Beatriz. 2013. **Entre a penumbra do consultório e as normas sociais**: considerações sobre a homossexualidade como questão. Percurso, Destinos do Trauma Psíquico. hal-shs-01491075.

SILVA, Alessandra; BORGES, Luciana. 2020. **A excêntrica homoafetividade**: o apagamento de Cassandra Rios no campo literário brasileiro. Macabéa - Revista Eletrônica do Netlli, Crato, v. 9, n. 1, p.192-208.

SILVA, Angelita. 2015. **Sexualidade (des)Institucionalizada?** A sexualidade das Moradoras e Moradores dos serviços residenci-

ais terapêuticos nos discursos das suas profissionais. Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Psicologia). Universidade Federal de Pernambuco.

SILVA, Marlon Silveira; CAETANO, Marcio; MEDEIROS, Talita. 2015. **Ciência e a regulação da homossexualidade feminina (1930-1950)**. XI Colóquio Nacional Representações de Gênero e Sexualidades.

SOUZA, Marina. 2014. **Representações de profissionais da saúde mental sobre sexualidade de pessoas com transtornos mentais**. Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Enfermagem). Universidade Federal de Minas Gerais.

SOUZA, Marselha. 2016. **Evangélicos e Movimento LGBT na esfera pública: a "Cura Gay" trazendo novas perspectivas**. Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião). Universidade Federal de Juiz de Fora.

TAVOLARO, José Eduardo. 2020. **Medicina Psiquiátrica e sexualidade feminina: um estudo de caso sobre o lesbianismo e abjeção no Brasil (1930-1940)**. Mestrado (Programa de Pós-Graduação em História). PUC-SP.

TEIXEIRA, Natalia. 2014. **"Cura Gay é o meu caralho": a normalização da homossexualidade e a resolução CFP 1/99**. Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Sociologia). Universidade Federal de Goiás.

TOLEDO, Eliza Teixeira. 2015. **História, sexualidade e loucura: as psicocirurgias no Hospital Psiquiátrico de Juquery sob o prisma de gênero (1936-1951)**. Revista Temporalidades. Belo Horizonte. v7, n2.

VIDAL, Júlia. 2020. **Criminalização operativa: travestis e normas de gênero**. Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Direito). Universidade Federal de Minas Gerais.

VILLAR, Nayara; SANTOS, Maria Paula. 2014. **Sexualidade e relações de gênero nas Comunidades Terapêuticas: notas a partir de dados empíricos**. Relatório para Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (Senad), do Ministério da Justiça.



4 . JOMAKA : ENTRE AS INSTITUIÇÕES E A VIDA EM COMUNIDADE

tá sendo difícil encontrar um jeito de terminar esse dossiê.

acabou ficando longo.

será que ficou cansativo?

você foi na ordem ou foi pulando páginas?

quanto tempo se passou desde que começou a ler?

fiz a primeira versão do capítulo zero no final de março de 2021. hoje, já estou na metade de junho. aconteceram tantas coisas desde então... é louco como tudo está sempre mudando.

a mudança é o que há de mais sagrado nesse mundo.

a transmutação... salve Castiel Vitorino Brasileiro!

comecei a materializar as possibilidades de uma vida que não fosse cisgênera junto das travestis. eu amava ouvir quando acionavam a metáfora da metamorfose da borboleta para contar suas histórias. pra mim, que fui anfíbia por muito tempo, fazia todo sentido. estar em mudança é estar vivo! e fazer o luto, honrar as memórias, é fundamental. por isso quis falar tanto do passado aqui nesse trabalho. tentei circular em espaços diferentes pra localizar mais pistas, sotaques, dialetos. pra acessar outros lugares e tempos conversei com a arte, literatura, e também com processos judiciais, prontuários médicos e teses acadêmicas.

na história de Amaro, estamos em alto mar, no quartinho alugado da pensão da portuguesa dona Carolina, meio escondidos, mas ainda assim buscando viver prazeres. aos poucos, as nomeações científicas vão tentando encobrir o corpo, circunscrever o indizível, delimitar fronteiras.

o imaginário social brasileiro nesse começo de república é capturado pelo delírio da democracia racial e, com o caso do Febrônio, mergulhamos na literatura médica, nos relatórios e documentos jurídicos. aqui, estamos tentando reparar a articulação da linguagem penal com a lógica higienista.

o sagrado matrimônio entre justiça e psiquiatria está consumado e as estratégias de criminalização e patologização das vidas negras, indígenas e dissidentes de gênero e sexualidade ganha ainda mais camadas de legitimação social, com amplo apoio das mídias. além de virar notícia sensacionalista, também foram feitas obras artísticas sobre a vida de Febrônio que colaboraram para a criação de uma imagem monstruosa e perversa atrelada às bixas e feiticeiras.

Febrônio ficou tanto tempo encarcerado em um manicômio que não pudemos ter muito acesso a sua voz própria. o príncipe do Fogo morreu em privação de liberdade, respondendo por um crime que nem foi condenado. ficou lá pelo poder da caneta de um médico. chegamos então dentro de um manicômio.

o romance de Eudemônia se passa dentro da instituição. conhecemos a voz dela a partir de conversas que tem com os médicos. o que ela conta de si? por que escolhe compartilhar aquelas histórias, da época da adolescência, das primeiras aventuras sexuais? a influência da psicanálise na escrita de Cassandra Rios me seduziu, e foi nesse diálogo que pude apresentar um pouco mais sobre as terapêuticas desenvolvidas ao longo do século XX nas tentativas de reorientação sexual e adequação de gênero.

o deboche e a ironia de Eudemônia e de Cassandra escancararam muitas hipocrisias da moralidade cristã. aproveitei disso para comentar sobre a relação íntima entre os campos psi com a religião, não tanto pelo aspecto do acolhimento, mais pelos martírios e coerções.

graças a deisy, espiritualidade é muito mais do que isso!

salve Ventura Profana!

pra fechar esse texto e seguir comentando nossas histórias, escolhi sair das instituições. vamos pra casa do meu amigo João, pras ruas, pro palco, enfim, a vida em comunidade!

nos conhecemos em 2014, numa viagem pra participar do Encontro Nacional Universitário de Diversidade Sexual, em Mossoró-RN. que alegria ter vivido os ENUDS!!! era uma oportunidade de estar entre viados, sapatões, trans e travestis de todos os cantos do país, criar e fortalecer redes de afeto e solidariedade. o ENUDS teve mais de 10 edições e também foi um espaço de construção coletiva do conhecimento, com debates sobre nossas pesquisas. foram experiências muito ricas a partir do exercício da autogestão e das práticas comunitárias de cuidado.

nessa época, eu participava de um coletivo anarcatransfeminista e a gente tentava construir uma kazamiga que fosse tanto nossa moradia como também espaço de vida coletiva, um dos pontos de uma ampla teia de aranhas pelo brasil afora. João morou lá em casa um tempo, e desde então pudemos desenvolver uma amizade potente, com apoio, encorajamento e admiração mútuos. agradeço por nossos caminhos terem cruzado!

como te contei, esse dossiê tá sendo uma tentativa de registrar nossas memórias, sem muita censura. quis comentar histórias da patologização das vidas LGBTQIA+, mas também oferecer uma experiência estética-afetiva. por isso, decidi te convidar pra escrever comigo essa parte final! acho que podemos começar com uma apresentação, né? no dia de hoje, quem é e como está João? qual sua sobremesa favorita e o que tem feito pra encontrar momentos de alegria e paz no meio de tudo isso que estamos vivendo (há tanto tempo)?

João Maria hoje é cada dia mais JoMaKA, seja lá o que isso quer dizer. jomaka, JoMaka e ainda sem noção alguma sobre maiúsculas e minúsculas. Desde criança gosto muito do tal doce de leite, aquele do tacho de cobre, feito no fogão à lenha da minha tia avó Tê. Gosto de encontrar amigos, conversar, gosto de carinho, café, cerveja, chá, de música, cinema, bichos e de poesia. Talvez sejam as coisas que eu mais goste, se eu fosse colocar numa lista. Ah, e eu gosto muito de comer também, comida!

as quatro coisas que eu mais amo são comer e viajar. acho que

já te contei essa piada antes né? é a minha preferida!

quando a vigilância sobre o gênero e a sexualidade assume proporções exageradas, as fronteiras entre vida pública e vida privada não ficam muito bem definidas. pelo o que acompanho do seu trabalho, esse tem sido um tema explorado por você. pra quem não sabe, JoMaKa é ativista pelos direitos humanos, poeta, dramaturgo, pesquisador, pra tentar nomear algumas das suas tantas ocupações. me conta um pouco sobre como foi que se aproximou da arte? quando você começou a transformar seu corpo, sua vida e história em material de trabalho?

Eu descobri a arte pela terapia ocupacional. De alguma forma eu já tinha contato por causa de aulas de artes na escola, mas não me afetou à época, a ponto de me despertar essa paixão.

Com a terapia ocupacional eu percebi uma possibilidade, uma alternativa de me expressar, de me curar... Passei por internações nos chamados "hospitais psiquiátricos", para mim, manicômios. Sofri como nunca durante alguns anos em função das internações, do abuso dos medicamentos e das intervenções a que fui submetido pela psiquiatria.

A poesia chegou pra mim aí. Era a única forma que eu podia realmente entender os processos, expressar meus sentimentos, lidar comigo mesmo, conviver. E eu entendi que a arte era o meu caminho para cura, para minha liberdade de ser e de existir. Enfim!

Após a última internação manicomial, em 2014, cheguei às Conferências de Direitos Humanos, em 2016 e, desde então, convivo com pares, participo de coletivos, projetos e movimentos. O artista João Maria Kaisen, jomaka, também surge aqui, tendo na luta antimanicomial o combustível para criação, experimentação, ação.

Em relação às questões sobre ser uma pessoa intersexo e transmasculine, o ativismo, a arte e a cultura me proporcionaram conhecer pessoas que eu me identifico, que eu quero estar perto para trocar ideias, compartilhar a vida. Laços que foram acontecendo dia após dia, de certa forma naturalmente.

eu acho muito potente a saída que você encontra para construir e compartilhar outras realidades com a gente. até agora, aqui no dossiê eu comentei sobre a lógica manicomial e como ela foi contaminando o campo dos cuidados em saúde mental. é ótimo aprender com você que saúde mental precisa ser muito mais do que terapia, eletrochoque e remédio psiquiátrico.

no Brasil, a partir do final da década de 1970, o movimento da Reforma Psiquiátrica passa a questionar as políticas públicas de saúde mental e os modelos assistenciais centrados na segregação social em manicômios. profissionais do campo psi falam sobre o fim dessas instituições, inspirados pelo o que acontecia na Itália. juntando forças, na mesma época, acontecia a Reforma Sanitária e mais tarde, a implementação do Sistema Único de Saúde (SUS). essas transformações do modelo hospitalocêntrico estão em disputa até hoje, quase 40 anos depois.

mas por que a mudança de paradigma sobre a loucura e suas terapêuticas é tão difícil assim? concordo com as análises que Angela Davis propõe sobre a naturalização do complexo industrial-prisional, como se fosse impossível imaginarmos um mundo em que não houvesse prisões.

existe um consentimento coletivo pra que essa maneira de lidar com os efeitos da desigualdade social seja tão legitimada. se chama racismo, eugenia. já está mais que escancarado que a lógica prisional não tem eficácia alguma quanto ao objetivo de criar um senso de segurança e justiça. pelo contrário. a prisão só traz trauma e dor para todos os envolvidos: as pessoas encarceradas, seus familiares e mesmo aqueles que trabalham em favor da sua lógica.

lembrando das discussões de Rachel Passos, o racismo institucional também estrutura o modelo manicomial. mesmo após a reforma psiquiátrica, permanecem práticas punitivistas e de controle social. por exemplo, as comunidades terapêuticas, que atuam com demandas decorrentes do uso prejudicial de algumas drogas e recebem em sua maioria pessoas negras, pobres e dissidentes de gênero e sexualidade.

mesmo quando a prática punitivista não atinge diretamente um corpo preto, continua sendo a lógica racista de submissão e apagamento que estrutura o funcionamento manicomial-prisional. o povo africano foi considerado inferior pela colonização, pelo saber médico e jurídico. essa lógica racista continua se expressando até os dias atuais, basta olhar ao redor e saber ouvir. Passos diz: "o racismo à brasileira se expressa pelo silêncio".

esse debate ficou esbranquiçado ao longo da construção e da efetivação da reforma psiquiátrica no Brasil. dizer que nossa inspiração foi a reforma italiana de Franco Basaglia ilustra

esse aspecto do apagamento de pessoas negras da história oficial das coisas: o próprio Basaglia bebeu bastante da água de Frantz Fanon, dedicando a ele sua escolha por romper com o projeto colonial de supressão da diferença. na história da reforma brasileira, contudo, não nos vejo honrando essa memória. se queremos construir um mundo pela ética do bem-viver, recomendo fortemente a ampliação das nossas referências bibliográficas e a restituição dos lugares de saber.

pra pensar sobre as tentativas de captura da lógica manicomial sobre os corpos e vidas de pessoas LGBTQIA+, minha proposta, então, é ouvir mais das pessoas transtornadas, desviadas. em que medida sua história foi patologizada e como isso te afetou?

tem um texto da Sofia Favero com a Paula Sandrine que eu adoro. elas propõem uma análise sobre os usos benevolentes dos diagnósticos de transexualidade, especialmente na infância. tanto médicos, quanto alguns movimentos sociais, têm apostado na criação de protocolos e classificações nosológicas para direcionar o tratamento correto para as transexualidades. elas comentam: "nem sempre boas intenções levarão a boas práticas". eu concordo. considerando toda essa história, é preciso cautela e desconfiança quanto aos protocolos e normativas. é uma tentativa bizarra de captura da experiência trans, uma aposta na essencialização, que tem trazido como efeito muita ansiedade para adequação a modelos binários e cis-centrados. como se "ser trans" precisasse de um "parecer cis".

é um pouco por isso que escolhi montar esse dossiê a partir do diálogo com obras de arte, porque essa outra linguagem nos permite acessar espaços além do aqui e agora.

JoMaKa acabou de estrear uma montagem-cena pelo canal da ZAP 18, um coletivo de teatro da periferia de BH. o nome da chamada pública é **[Ar]te Salva** e minha aposta também tem sido essa.

assiste lá e depois volta aqui pra gente terminar nosso papo!

O Colecionador de CID'S (2021)

Atuação, dramaturgia e pesquisa: Jomaka.

Direção, edição, cenografia, figurino e voz: Luísa Lagoeiro.

Cena 1: stop motion

texto em off

Lembrei de quando eu comi um cachorro-quente no manicômio,

e a técnica em enfermagem nos acobertou.

Aí quando acabou a comida,

ela também saiu se limpando do ketchup.

A gente conseguiu passar até uns refrigerantes pelas grades da janela...

Não sei se teve chocolate.

Mas...

É. Tem gosto de chocolate.

Quem é você?

Quem é você?

Quem é você?

Quem é você?

Quem é você?

Eu tô perguntando quem é você.

Oras, eu sou...

Eu sou... eu sou.. eu sou... eu sou.

Não é bom ser assim?

Assim apenas sendo?

Sendo o quê?

Sendo como?

Sendo quando?

Sendo onde?

Oras, sendo eu, sendo eu,

sendo eu e sendo eu e sendo eu.

Não pode ser assim?

Mas eita zorra!

TELA holocausto brasileiro

→ Pelo menos 60 mil pessoas morreram entre os muros do Colônia, como é chamado o maior hospício do Brasil, na cidade mineira de Barbacena.

→ Cerca de 70% não tinham diagnóstico de doença mental.

→ Entre 1969 e 1980, 1.853 corpos de pacientes do manicômio

foram vendidos para dezessete faculdades de medicina do país.

Cena 2: olá, eu estou caçando as palavras fabricadas em consultórios e aquelas das farmácias

- Então é um romance, sempre tem que ter romance. Sempre têm plantas, bichos, lugares, comidas e pessoas e romances. Umas histórias, uns contos, umas músicas, uns miados e também tinham uns latidos muito particulares. Tem também chuva, inundação, casas desmoronando, pessoas desesperadas e pessoas alegres numa primeira vista, ou quem sabe numa terceira. Eu gosto de fazer cruzadinha, quebra-cabeça, criptograma, caça-palavras. Talvez de tudo mesmo eu seja um caçador de palavras, uma coisa, caçando palavras.

Cena 3: close da câmera nas partes do rosto

corda: Olhos, boca, mãos, pescoço.

Cena 4: Fran e a sombra

texto em off

FRAN

E

A SOMBRA

FRAN

DIZ OLÁ

E A SOMBRA TAMBÉM.

FRAN

E A SOMBRA

FRAN

DIZ OLÁ
E A SOMBRA TAMBÉM.

FRAN
DIZ OLÁ
E A SOMBRA TAMBÉM.

TELA suicídio

assobio em off

→ *Estima-se que no Brasil, ocorram 24 suicídios por dia.*

→ *85,7% dos homens trans já pensaram em suicídio ou tentaram cometer o ato.*

→ *Para pessoas trans e travestis, a expectativa de vida é de 35 anos no Brasil e existe uma prevalência de 42% a 46% de tentativas de suicídio, comparado a 4,6% da população cisgênera.*

Cena 5: leitura quase eterna de bulas

Quais os males que este medicamento pode causar? Pode me causar? (*leitura acelerada*)

(efeito de voz *slow motion*) Ver ou sentir coisas que não existem na realidade. Alucinações. (*leitura acelerada*)

texto em off

Naquela tarde depois de um longo cochilo, quase já entrando a noite, despertei e tinha aquele violão encostado na parede, tanto tempo ele ali. Talvez aquela fosse outra primeira vez que saía da capa.

É indicado para o tratamento agudo e de manutenção da esquizofrenia e outros transtornos mentais, psicóticos, em agudos, nos quais sintomas positivos, exemplos: (*voz robótica*) Delírios, alucinações, alterações de pensamentos, hostilidade, desconfiança e/ou sintomas negativos: afeto diminuído, isolamento emocional, social. (*leitura acelerada*)

texto em off - vozes 2 e 1

- Queria te contar uma coisa que eu ouvi, não sei se é verdade, mas eu ouvi! Você quer saber?

- Oi! Achei que você já tinha sumido.
- Não. Para isso você vai precisar dizer né, encarar-se de frente.
- Eu sei lá o que é encarar-se. Diga logo o que você ouviu!
- Acho que desisti... vai te preocupar em vão.
- Em vão ou não deixe que eu decida.
- Você me confunde, quer decidir mas não quer encarar-se.
- Eu posso encarar-se. Antes me diga o que é isso e também o que você ouviu.
- Encarar-me, pois. É que eu ouvi que seu CPF está registrado em mais de um nome. É verdade?
- Ora, óbvio. Não acha? Problema é ter que sair retificando em tudo quanto é lugar que eu já passei. Com certeza em algum deles vai passar despercebido, e pronto. Lá está um outro eu de outro lugar e de outro nome.
- É tão difícil isso de conseguir ser chamado pelo nome. Qual você quer?
- Só me faltava! Agora terei que te lembrar meu nome, pra afirmar e reafirmar e afirmar de novo o nome que eu já firmei até na firma do cartório?
- Calma, moça.
- Ele. É ele.

TELA abuso farmacológico

texto em off

Casas causas casas causa casas casas causa. Casa causas causas causas causas.

→ Desde o ano de 1994 os medicamentos são os principais causadores de intoxicação em seres humanos no Brasil.

→ 70% do faturamento da indústria farmacêutica vem dos medicamentos vendidos sob prescrição médica.

→ A indústria farmacêutica movimentou, só em 2008, US\$ 725 bilhões. Só a fabricação da aspirina movimentou US\$ 700 bilhões por ano. Seu princípio ativo é considerado um dos produtos mais bem-sucedidos da história do capitalismo.

Cena 6: sala de estar

Nossa, fumar é muito bom.

Memórias de apagamento e vozes de silenciamento farmacológico e emocional abuso liberdade de privação em resultam opressões e violências legitimam psicofobias reforçam diagnósticos os como ver busca Fran jornada da fim no lobotomia por até passou que ala na gente conheceu elu e força de camisa em Fran prenderam choques aplicaram remédios seus rotina sua mudaram então sexual desenvolvimento do desordem, disforia, Borderline, euforia, depressão, humor de doença catatônica, indiferenciada, hebefrênica, paranóide tipo do era que falaram alguns esquizofrenia disseram já problema de loucura a enchiam que é pessoas as loucura sua de gostava Fran que acontece "louca" pessoa uma de vida na e manicômios nos consultórios nos dia a dia o laudos com presenteavam o constantemente que psicologia e psiquiatria da profissionais incontáveis e CID's de colecionador um Fran entre encontro o é... entre Fran encontro o.

O encontro entre Fran, um colecionador de CID's, e incontáveis profissionais da psiquiatria e psicologia que, constantemente, o presenteavam com laudos. O dia a dia nos consultórios, nos manicômios e na vida de uma pessoa "louca". Acontece que Fran gostava de sua loucura, as pessoas é que enchiam a loucura de problema.

TELA intersexo

→ Segundo dados da Organização das Nações Unidas - ONU, intersexuais representam 1,7% da população mundial, enquanto, no Brasil, são 167 mil pessoas assim identificadas.

→ o Brasil aceita que recém-nascidos intersexuais sejam submetidos a procedimentos cirúrgicos para a "correção" do sexo.

→ operações sem necessidade médica podem resultar em problemas físicos e psicológicos no futuro e seriam uma violação dos direitos humanos das crianças.

Cena 7: 3x4 divã sobre tela

(vozes 1 e 2)

- Não me interrompa, eu disse pra você sentar.

- Tá bom, desculpa. Pode prosseguir.

- Depois me contaram que foi a cocaína, que pelo examinado eu tinha cheirado e bebido demais naquela noite. O álcool e o pó se misturaram à risperidona, à olanzapina, ao clonazepan e aos outros remédios que me socavam diariamente pra curar a esquizofrenia que

diziam que eu tinha. Aí esse shake, essa vitamina, esse pó misturando com outras drogas, desencadeou um surto psicótico, é o que dizem, eu não me lembro. Acho que a memória doeu a ponto de esquecer. E foi assim que aconteceu: entrei num hotel, pedi o quarto mais alto, e me joguei. Eles só tinham vaga no quarto andar, eu paguei no crédito e ao amanhecer me joguei. Eu fico me perguntando se a memória que tenho durante o coma, se é memória de um sonho ou se de uma coisa que realmente aconteceu. E se eles tivessem vaga no oitavo andar?

- Talvez você seja esquizofrênico, não posso realmente afirmar, mas pelo seu relato, os sintomas que apresenta ou os que já apresentou, também pela afirmação de tantas colegas em anos anteriores, enfim, creio ser um tipo de esquizofrenia. Mas o melhor mesmo é observar. Volte daqui 30 dias, aconselho que inicie a medicação e não acho que você esteja deprimido. Mas seu humor oscila. É, eu combino Lítio, para favorecer a estabilidade. É... ficamos assim ou você ainda tem alguma dúvida?

Cena 8: comendo cachorro-quente amarrado na camisa de força

Olhando pela janela quando passa um carro e numa dúvida quase que certa de que iria parar um ali e você desceria nele eu comecei a quase entrar numa loucura de fato. Lembrava-me do som dos pernilongos zumbindo nos ouvidos, das formigas picando meus pés. Silêncio e trabalha.

Às vezes eu fumava um depois que parei de fumar por várias vezes todos os dias e a sensação que às vezes me dava era que sempre via vindo, vinha um perigo de algum lugar! Algo se aproximando, um carro que parou na porta, o ranger das janelas e aí quando algum cachorro na rua latia, eu já achava que estava perto.

Ao mesmo tempo em que me perguntava por que aquilo se aproximaria, eu encontrava algum caminho que era motivo pra se aproximar. E de novo eu me questionava, e de novo eu respondia convicto, - não, não... Evidente que não. Porém de novo o meu mergulho era fundo demais e eu de alguma maneira

consegua eu mesmo me afundar.
Não sei se por peso, não sei se por faltar-me alguma habilidade, quanto mais baixo ia, de alguma maneira conseguia eu mesmo me afundar. Evidente. Qual sentido teria o outro? Olhava pra janela que rangia, a mesma que me permitiria escutar ruídos vindos de fora, e Picles estava pescando cada barulho distante e mais aproximado que vinha.

Eu pensando se vem vindo agora que escrevo, tento trazer à tona esse próprio pensamento que por si só me resolvia, e mesmo assim eu insistia, Picles, num resmungo, descia da janela e finalmente conseguiria dormir. Eu parecia que via algum sinal vindo de algum lugar e teimava em escutar alguma coisa que pudesse vir de fora, às vezes até escutava algumas. Por que, mas por que isso?! Mas como não? Por que também não?

Hilário eu ria de novo. Que porra era essa?!
Como é que eu posso também estar apenas com essas ideias

nessa visão doente que me perseguia. Não, não.

Calma!

A vida mostrou que nem sempre era tão doente assim.

Se tivesse alguma doença em mim, sendo arbitrário e foda-se também, mas ali também tinha, ali tinha, ali, ali, e aquela ali outra pessoa ali também era doente.

Que monólogo chato.

Cena 9: coleção e uma chuva de caixas

barulho de chuva

TELA Nise da Silveira (1905-1999)

"É necessário se espantar, se indignar e se contar, só assim é possível mudar a realidade..."

TELA CRÉDITOS

O COLECCIONADOR DE CID'S

Atuação, dramaturgia e pesquisa: jomaka

Direção-edição, cenografia, figurino e voz: Luísa Lagoeiro

TELA AGRADECIMENTOS

Gab Lamounier

Gabriela Figueiredo

Guáira Lopes

Priscila Almeida Costa

TELA REFERÊNCIAS

HOLOCAUSTO BRASILEIRO - Daniela Arbex

ANTRA - Associação Nacional de Travestis e Transsexuais

ABRAI- Associação Brasileira de Intersexos

CARTA DE BAURU - Conselho Federal de Psicologia

MUSEU DE IMAGENS DO INCONSCIENTE

INSTITUTO BRASILEIRO DE DIREITO DE FAMÍLIA

FARMACODEPENDÊNCIA: UMA BUSCA NO SISTEMA NACIONAL DE INFORMAÇÕES TÓXICO FARMACOLÓGICAS - Daniela Marques Conceição, Alex Sander Delfim, Ana Paula Simões Menezes.

VERDADES INCONVENIENTES SOBRE A INDÚSTRIA DOS REMÉDIOS - Revista Superinteressante

GENERALIDADES OU PASSARINHO LOQUE ESSE - jomaka

resistências e outras práticas

tenho pensado sobre as encruzilhadas que habitamos, os lugares que nos permitimos ocupar... na minha trajetória, estive em diálogo com vários atores sociais, buscando ouvir diferentes dialetos, e também numa tentativa de ampliar o alcance da minha voz. estou na disputa acadêmica, nas ruas, nos gabinetes, no palco, em casa. zelar por essa multiplicidade é tarefa que faço em conjunto com minhas amigadas. ao lado de JoMaKa construímos espaços de cura, de festa, de luta.

pensando nisso, vou te pedir pra comentar um pouco sobre a articulação dos diferentes níveis de militância a que você tão apaixonadamente se dedica. pensei numa triangulação entre as tentativas de diálogo com o poder público, desembolando projetos, programas e políticas; a produção de cultura, que

expande a conversa e atinge vários setores da sociedade civil; e também a dimensão da associação entre pares, criação de laços de solidariedade. como você acha que essas estratégias se vinculam umas das outras?

Nos coletivos, eu descobri a possibilidade do afeto, do apoio, da fala e da escuta. Acredito que muitas pessoas marginalizadas e oprimidas encontram o caminho através das redes que nós por nós criamos, ocupar espaços que a gente constrói, que a gente pertence. Acredito que vivemos uma efervescência não só cultural, mas de identidade cultural. Por isso também é que entre pares nos reconhecemos, não importa o espaço: academia, cultura, movimento social, partido político, etc... e, de alguma maneira, que talvez Deyse explique, vamos nos conectando, fazendo e acontecendo. Portanto, minhas relações com os movimentos antimanicomial e LGBTQIA+, principalmente, acontecem à medida que minha vida também acontece, eu podendo ser eu, querendo lutar, seguir e agradecer a vida de cada dia, nas e com as lutas.

celebro tanto a sua vida, amigu! também acredito que nossas táticas de enfrentamento ao sistema são metodologias pra sobrevivência, "apesar de". nossos afetos produzem efeitos de transformação ao redor e isso me traz um sentimento de realização e potência compartilhada.

quando você fala da sua relação com os movimentos antimanicomial e LGBTQIA+ a partir da sua vida, do dia a dia, me faz pensar sobre empatia e a questão dos lugares de fala. sempre achei interessante como na construção da reforma psiquiátrica os profissionais da saúde mental tiveram um protagonismo muito importante. tipo, existe um aspecto que é o da Experiência, da voz própria. sobre garantir um grau de legitimidade ao ponto de conseguir ser ouvido. existe outro olhar que é o dos aliados, da colaboração. e existe outro ponto ainda que é a junção desses dois, porque afinal psiquiatras/psicólogos falam desde o lugar da Ciência, que é parte ativa em toda essa história, grande responsável pela criação e perpetuação dos estigmas, seja contra loucos, seja contra pessoas dissidentes de gênero e sexualidade. os profissionais precisam mesmo ter voz ativa e agir a partir de um horizonte de reparação dessa dívida impagável.

nos últimos anos, tenho visto surgirem associações e coletivos de profissionais que são pessoas LGBTQIA+, e é muito recente na história a viabilidade de algo assim ser construído.

no campo da psicanálise, por exemplo, até pouco tempo havia uma regra não escrita que impedia homossexuais de se formarem pra atuar como analistas.

ainda que seja incrível perceber que estamos ocupando cada vez mais lugares, é sempre bom estar de olho nas armadilhas que o sistema, o capitalismo e a colonialidade colocam pelo caminho. um exemplo disso é a aparição de novos especialistas em questões de gênero e sexualidade. volto a conversar com Sofia Favero, que também critica essa "clínica LGBT". ela propõe em vez disso uma pajubá-terapia, que desestabiliza algumas certezas: "uma psicologia aliada à ética não precisa ser nomeada para que possa fazer algum sentido".

depois de alguns anos atendendo no consultório e também construindo espaços de autocuidado coletivo tenho percebido as vantagens e desafios de cada um desses espaços. como disse João, encontramos nosso caminho através das redes, e essa tem sido minha grande aposta. somente um profissional psi consegue oferecer acolhimento? acredito que não. e podemos aprender muito com o passado. por exemplo, os aquilombamentos são tecnologias de construção de mundos muito antigas. as Okupações e Casas de Acolhimento que acompanhamos surgirem por todo canto do Brasil, cada uma respondendo ao contexto em que está inserida, são herdeiras desses modos de resistência. como podemos construir espaços de cuidado que não estejam baseados na lógica manicomial de hierarquia dos saberes?

ao longo do dossiê fui contando histórias a partir da literatura, de relatos e pesquisas históricas e antropológicas. deu pra perceber como o cuidado da saúde mental, nos últimos duzentos anos, foi colonizado pelo campo psi. precisamos resgatar e atualizar outras concepções de bem-viver, mais próximas daquilo que sonhamos. a criatividade, a ficção e a utopia são nossas armas mais poderosas.

foi por isso que, pra encerrar esse trabalho, usei da oportunidade de conversar com uma pessoa, interagir e ouvir sua voz própria. depois de abrir nosso corpo pra tantas afetações, como você gostaria de fechar essa troca, amigu?

Aqui há uma celebração de 3 palavras: amor, tempo e poesia.

Sem esquecer da alegria!

E para nós eu desejo um convívio doce
vidas livres
conviver livremente
com "doido respeito".

referências e indicações

ANDRADE, Ana Paula; MALUF, Sônia. 2017. **Experiências de des-institucionalização na reforma psiquiátrica brasileira: uma abordagem de gênero.** Interface (Botucatu). 21(63):811-21.

ARAN, Marcia; MURTA, Daniela; LIONÇO, Tatiana. 2009. **Transexualidade e saúde pública no Brasil.** Ciência & Saúde Coletiva. v14, n4, p. 1141-1149.

BAERE, Felipe. 2018. **A mortífera normatividade: o silenciamento das dissidências sexuais e de gênero suicidadas.** Dossiê REBEH. v02, n01.

BENTO, Berenice; PELÚCIO, Larissa. 2012. **Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas.** Rev. Estudos Feministas. Florianópolis. v20, n2.

BENTO, Berenice. 2016. **Disforia de gênero: geopolítica de uma categoria psiquiátrica.** Revista Direito e Práxis. v7, n15, p. 496-536.

BENTO, Berenice. 2017. **Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos.** Salvador: EDUFBA.

BULAMAH, Lucas. 2014. **Historia de uma regra não escrita: a proscrição da homossexualidade masculina no movimento psicanalítico.** Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Psicologia). Universidade de São Paulo.

COSTA, Juliana. 2019. **A categoria gênero para a reforma psiquiátrica brasileira: uma análise das conferências nacionais de saúde mental.** Anais do 16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais.

DUARTE, Marco José. 2011. **Diversidade Sexual e Política Nacional de saúde Mental: contribuições pertinentes dos sujeitos insistentes.** Em Pauta. Rio de Janeiro. v9, n28, p. 83-101.

DUNKER, Christian; NETO, Fuad. 2010. **Curar a Homossexualidade? A psicopatologia prática do DSM no Brasil.** Revista Mal-estar e Subjetividade. Fortaleza. v10, n2, p. 425-446.

FAVERO, Sofia. 2020. **Pajubá-terapia: ensaios sobre a cisnorma.** Porto Alegre. Nemesys Editora.

FAVERO, Sofia; MACHADO, Paula Sandrine. 2019. **Diagnósticos benevolentes na infância:** crianças trans e a suposta necessidade de um tratamento precoce. Redoc. Rio de Janeiro, v.3, n.1, p. 102.

FIGUEIREDO, Marianna; DELEVATI, Dalnei; TAVARES, Marcelo. 2014. **Entre loucos e manicômios:** história da loucura e a reforma psiquiátrica no Brasil. Ciências humanas e sociais. Maceió. v2, n2, p.121-136.

GOULART, Maria Stella; DURÃES, Flávio. 2010. **A reforma e os hospitais psiquiátricos:** histórias da desinstitucionalização. Psicologia & Sociedade. v22, p. 112-120.

GUIMARÃES, Sabrina Guerra; ARAS, Lina Maria Brandão. 2014. **A despatologização das identidades trans, a medicina legal e o direito nas discussões formuladas pelas teorias feministas e queer.** Anais 18° Redor. Recife.

LIMA, Stephanie Pereira. 2016. **As bi, as gay, as trava, as sapatão tão tudo organizada pra fazer revolução!** Uma análise sócio-antropológica do Encontro Nacional Universitário da Diversidade Sexual (ENUDES). Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva). UERJ.

MACHADO, Paula Sandrine. 2005. **O sexo dos anjos:** um olhar sobre a anatomia e a produção do sexo (como se fosse) natural. cadernos pagu (24), pp.249-281.

MAGNO, Patrícia; PASSOS, Rachel. 2020. **Direitos humanos, saúde mental e racismo:** diálogos à luz do pensamento de Frantz Fanon. Rio de Janeiro: Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro.

MENEGAT, Elizete; DUARTE, Marco; FERREIRA, Vanessa. 2020. **Os novos manicômios a céu aberto:** cidade, racismo e loucura. EM PAUTA, Rio de Janeiro. n. 45, v. 18, p. 100-115.

MOVIMENTO ANTIMACOMIAL. 2017. 30 **Anos da Carta de Bauru.**

NAGAFUCHI, Thiago. 2018. **A urgência do debate sobre suicídio das pessoas LGBTQIA+:** experiência e subjetividade. Dossiê RE-BEH. v02, n01.

PASSOS, Rachel Gouveia. 2018. **Holocausto ou Navio Negreiro?**

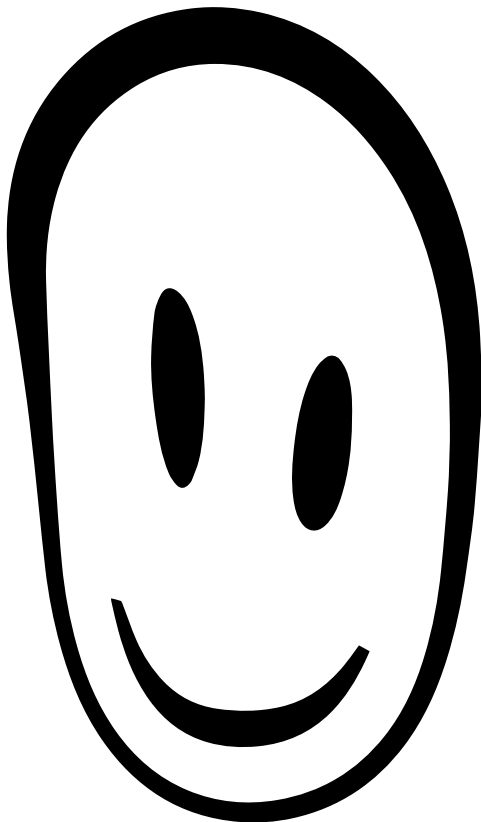
inquietações para a Reforma Psiquiátrica brasileira. Argum., Vitória, v10, n3, p. 10-22.

PRADOS, Nathalia; BRANDÃO, Brune; PERUCHHI, Juliana. **Por onde circulam os corpos invisíveis?** Intersecções entre população em situação de rua e gêneros dissidentes no acesso institucional urbano. Dossiê REBEH. v02, n01.

SILVA, Denise Ferreira. 2019. **A dívida impagável.** São Paulo.

TENÓRIO, Leonardo; PRADO, Marco Aurélio. 2016. **As contradições da patologização das identidades trans e argumentos para a mudança de paradigma.** Periódicus. Salvador. n5, v1.

VIEIRA, Erick; DUTRA, Clarissa; PEREIRA, Carlos; CAVALCANTI, Céu. 2019. **Psicologia e Políticas de Saúde da População Trans: encruzilhadas, disputas, porosidades.** Psicologia: Ciência e Profissão. v.39, n.spe 3.



agradecimento¹²

pra conseguir me dedicar à pesquisa e à escrita desse trabalho foi preciso contar com o apoio da minha rede de solidariedade. agradeço muito aos amores que vivem comigo e compartilham os cuidados do dia-a-dia: Lets, Laurinha, Nat, Gabs, Pekenna, Izidora, Villa, Eve, Bethânia e Megan.

1 Pelas trocas acadêmicas e produção conjunta do conhecimento, agradeço muito Mariana Vasconcelos, Sereno Repolês, Mariana Moreira, Rafa Vasconcelos, JoMaKa, equipe do NUH, miguez do coletivo GUAPES e do Grupo de Estudos Saúde Mental Rebelde.

2 Mando um salve para as companheiras lésbicas e pelo tempo de estudo que partilhamos no Grupo de Estudos sobre Lesbianidades (GEL): Joana Ziller, Dayane Barretos, Leiner Hoki, Lídia de Paula, Isadora Fachardo, Marina Morena e Flora Carvalho.



Este dossiê, em edição eletrônica, foi composto na fonte Courier New. A pesquisa foi conduzida por Gab Almeida M. Lamounier em Junho de 2021. O projeto gráfico é de Bruno O.. A revisão do texto foi feita por Mariana Penteado e João Paes. Este dossiê foi realizado pela Casa 1 em colaboração com o #VoteLGBT. Publicado em janeiro de 2022, em São Paulo.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lamounier, Gab Almeida M.

Aloka! [livro eletrônico] : comentando histórias sobre a patologização das vidas LGBTQIA+ / Gab Almeida M. Lamounier. -- 1. ed. -- São Paulo : Casa 1 : VoteLGBT, 2022.

PDF
ISBN 978-65-992897-6-7

1. Antimanicomial 2. Literatura brasileira 3. LGBTQIA - Siglas 4. Psicologia 5. Problemas sociais 6. Saúde pública I. Título.

22-98057

CDD-362.210945

Índices para catálogo sistemático:

1. LGBTQIA+ : Movimento antimanicomial : Problemas sociais 362.210945

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

#VOTE
LGBT

dd coleção
ddddooo
oossies
~;;/C{



CASA 1